

**RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA: PROPOSTA DE AÇÃO NO  
PROCESSO ENSINO - APRENDIZAGEM**

ANA PAULA JARDIM

**RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA: PROPOSTA DE AÇÃO NO  
PROCESSO ENSINO - APRENDIZAGEM**

**ANA PAULA JARDIM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação - Área de Concentração: Práxis Pedagógicas e Gestão de Ambientes Educacionais.

Orientador:  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Lucia Helena Tiosso Moretti.

370  
J37r

Jardim, Ana Paula

Relação entre família e escola: proposta de ação no processo ensino-aprendizagem / Ana Paula Jardim. - Presidente Prudente : [s.n.], 2006. 100 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) –  
Universidade do Oeste Paulista, UNOESTE  
Presidente Prudente, SP  
Bibliografia

1. Processo ensino – aprendizagem. 2.  
Relação família e escola. 3. Comportamento infantil. I. Título.

ANA PAULA JARDIM

**RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA: PROPOSTA DE AÇÃO NO PROCESSO  
ENSINO – APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 15 de março 2006.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Drª. Lucia Helena Tiosso Moretti  
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste

---

Profª Drª Regina Célia Adamuz  
Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR

---

Prof. Dr. Levino Bertan  
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho ao meu esposo Rui, que de forma incondicional sempre esteve presente em minha vida me apoiando, não permitindo que eu desistisse dos meus ideais pôr maiores que fossem minhas dificuldades.*

## **AGRADECIMENTOS**

*À minha família que, em todos os momentos de realização desta pesquisa, esteve presente.*

*À Deus, pôr me dar essa oportunidade e pôr me oferecer condições para a realização dessa conquista.*

*À minha querida Orientadora e amiga Lucia que de maneira muito presente permitiu-me contar com seu apoio, amparando-me em minhas dúvidas, além da sua atenção e dedicação nas minhas aflições e dificuldades*

*"[...] Estou preocupado com a relação que a mãe tem com o bebê pouco antes do parto e nas primeiras semanas e meses após o nascimento. Estou tentando chamar a atenção para a imensa contribuição ao indivíduo e à sociedade que a boa mãe comum faz desde o começo, com seu marido dando suporte e que ela faz simplesmente pôr ser devota a seu filho. Será que o não – reconhecido da contribuição da mãe devota se deve justamente ao fato de ela ser imensa? Caso se aceite essa contribuição, segue-se que todo homem ou mulher sadios, todo homem ou toda mulher que tem sentimento de ser uma pessoa no mundo, e para qual o mundo significa alguma coisa, toda pessoa feliz tem um débito infinito para com uma mulher. [...]"*

Donald Woods Winnicott (1957).

## RESUMO

O presente estudo, norteado pela pesquisa de Estudo de Caso e assentados nos postulados da Psicanálise teve por objetivos estudar a formação de um vínculo entre família e escola, analisar a importância da família na aprendizagem da criança e realizar propostas de ação à escola e à família. Compuseram a amostra, os pais de 10 escolares, de ambos os sexos, situados na faixa etária de seis anos, e a professora da primeira etapa do Ensino Fundamental da Rede Pública de ensino. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública de ensino de uma cidade situada ao norte paranaense durante o período de abril a outubro de 2004. Os procedimentos de coleta e análise dos dados do estudo obedeceu às seguintes fases: entrevista com a direção da escola para a solicitação de autorização do desenvolvimento do trabalho; elaboração do Termo de livre consentimento para os pais e professora para o desenvolvimento da pesquisa; elaboração e aplicação de um questionário para os pais e para a professora, contendo questões objetivas sobre o funcionamento familiar, bem como sobre adaptação da criança à vida escolar; análise quantitativa e qualitativa dos dados coletados através dos questionários; realização de entrevistas devolutivas aos pais e professores; organização de propostas de ação à família e à escola. Os resultados mostraram que o relacionamento familiar foi considerado bom em sua maioria; que os pais encontram-se interessados em acompanhar a educação escolar dos filhos, embora alguns tenham uma certa dificuldade em fazê-lo; a percepção da professora é compatível com a dos pais no que se refere ao comportamento dos filhos, tais como: imaturos, desatentos, sem limites, etc.. Os pais têm interesse em participar das atividades propostas pela escola. Concluímos que existe a necessidade de formação de vínculos entre as duas instituições, para que ambas possam atender às necessidades das crianças nesta fase do desenvolvimento escolar.

Palavras – chave: Processo ensino; Aprendizagem; Relação família e escola; Comportamento infantil.

## ABSTRACT

This present study, followed by the Case Studies research, based on the psychoanalysis postulated had as goals: studying the creation of relationship between families and school, analyze the family importance in the learning process of the child and hold offers of action to school and to the family. The parents of ten students, both sexes, at the age of about six years old and the first grade elementary school teacher made up the sample. The research was held in a public teaching school in a city situated in the north of Paraná during the period of April to October of 2004. The collection procedure and the study information analysis obeyed the following steps: interview with the school staff to ask for permission to develop the work; creation of a letter – parents and teacher agreement to develop the research; creation and application of a questionnaire to the parents and the teacher, with objective questions about the familiar operation, as well as the child adjustment to school life; quantitative and qualitative analysis of the information collected through the questionnaires; doing returning interviews with parents and teachers; organization of offers of action to family and to school. The results showed that the familiar relationship was considered good in it's majority; parents are interested in following their children school education, although some of them have some difficulties in doing it; the teacher's perception is compatible with the parents when it refers to the children behavior, as being: immature, inattentive, without limits, etc... Parents have interest in taking part in the offered activities to school. We conclude that there is the need of partnership between the two institutions, so both may attend the need of the children in this phase of school development.

Key-words: Learning teaching process; Family – school relationship; Childish behavior

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Composição da família .....	52
Gráfico 2 – Relacionamento familiar .....	53
Gráfico 3 – Relacionamento da criança com os pais .....	54
Gráfico 4 – Relacionamento da criança com a professora .....	55
Gráfico 5 - Elogio por parte dos pais.....	55
Gráfico 6 - Participação dos pais na escolaridade dos filhos .....	56
Gráfico 7 – Comparecimento dos pais às reuniões e atividades escolares.....	57
Gráfico 8 – Adaptação e socialização da criança no ambiente escolar.....	58
Gráfico 9 - Comportamento da criança em sala de aula.....	58
Gráfico 10 – Dificuldade escolar da criança.....	59
Gráfico 11- Apresentação da escola à criança .....	61
Gráfico 12- Adaptação da criança à escola .....	61
Gráfico 13 - Acompanhamento à criança para a escola .....	62
Gráfico 14 - Nível de amizade da criança .....	63
Gráfico 15 – Comportamento da criança em sala de aula .....	64
Gráfico 16 – Participação da criança nas atividades escolares .....	65
Gráfico 17 – Nível de atenção e concentração da criança .....	65
Gráfico 18 – Relacionamento da criança com a professora e colegas.....	66
Gráfico 19 – Nível de interesse dos pais no processo de aprendizagem da criança.....	67
Gráfico 20 – Cônjuge mais interessado na vida escolar do filho.....	68
Gráfico 21- Frequência de solicitação da escola aos pais .....	68
Gráfico 22 – Informação da escola aos pais quanto à dinâmica de funcionamento. .....	69

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Percepção dos pais sobre seus filhos .....	60
TABELA 2 – Percepção da professora sobre seus alunos .....	70

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - Desenvolvimento Infantil, Família e sua dinâmica .....	18
CAPÍTULO 2 - Relação Família – Escola .....	41
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA .....	50
CAPÍTULO 4- RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	52
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	86
<b>APÊNDICES</b> .....	91
APÊNDICE A – Termo de Consentimento – Diretor.....	92
APÊNDICE B - Termo de Livre Consentimento livre os pais .....	93
APÊNDICE C - Termo de Consentimento livre – professora.....	94
APÊNDICE D – Entrevista com a Professora.....	95
APÊNDICE E – Questionário para os pais.....	96
APÊNDICE F – Questionário para a professora.....	98
<b>ANEXO</b>	
ANEXO A – Identificação da Amostra – pais.....	100

## INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar sobre a relação entre família e escola surgiu durante a realização do estágio curricular do quinto ano do curso de Psicologia da UniFil – Centro Universitário Filadélfia, da cidade de Londrina (PR), na área de Psicologia Escolar, visto que as queixas trazidas pela Direção da escola, pelos professores e pais estavam voltadas às dificuldades que se encontravam em relação ao processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Outrossim, estava interessada em compreender qual o papel da família e da escola, além de observações quanto ao comportamento inadequado dos alunos, de forma geral.

Durante todo o estágio curricular, nos dedicamos ao entendimento de tais fenômenos, com muitas discussões durante as supervisões com a professora e demais colegas, sobretudo com a equipe pedagógica da escola.

Ao final do ano letivo, retornamos à nossa cidade natal – Bandeirantes (PR), (a 85 kms de Londrina), na esperança de poder dar continuidade ao nosso trabalho na área escolar e/ou em outro campo da Psicologia que fosse viável na cidade ou região.

Nesta mesma época, nos interessamos em cursar Pós – Graduação, especificamente o Curso de Mestrado em Educação, bastante divulgado por alguns professores, (um deles já estava cursando o mestrado na UNOESTE), com objetivo de qualificar-nos na carreira docente, e na tentativa de podermos, mediante a realização de pesquisas, respondermos às questões levantadas durante todo o estágio na área escolar e no campo da psicologia do desenvolvimento infantil - juvenil, de forma geral.

Envolvendo-nos na empreitada em busca de um trabalho a realizar, dirigimo-nos até ao Colégio (escola da rede pública), onde havíamos cursado o 1º e 2º grau para conversarmos com a Direção escolar e deixarmos nosso *Curriculum Vitae*, caso houvesse interesse por parte da Instituição em nossa contratação.

Em uma conversa informal com a Direção escolar foi-nos relatada a dificuldade desta, em estar lidando e trabalhando com as crianças que estão apresentando problemas de aprendizagem e distúrbios de comportamento como:

indisciplina e ausência de limites da criança, agressividade, bem como a falta de compromisso dos pais em relação a seus filhos, especificamente as crianças da primeira etapa do ensino fundamental.

Diante do exposto, e como já tínhamos a intenção de pesquisar este tema, afirmamos nosso interesse em realizar um trabalho para investigar a origem de tais problemas, sobretudo examinar as possibilidades de formalizar a relação entre a família e a escola; identificar quais as funções que os pais exercem, como é o vínculo e a vivência entre os membros e o que os familiares depositam e esperam dessas crianças e da escola que estão em processo de aprendizagem.

Entendemos que criar e educar os filhos, prepará-los para portar-se com responsabilidade e segurança no conturbado mundo em que hoje vivemos, é uma tarefa tão exigente e desafiadora como prazerosa e gratificante.

Escolher a escola adequada às expectativas da família e que, ao mesmo tempo, permita a adaptação da criança, é um projeto cujo sucesso depende, em grande parte, da capacidade dos pais em avaliar as ofertas existentes. Também é importante que os pais e/ou responsáveis pelas crianças estejam atentos ao projeto educativo/pedagógico e ao perfil disciplinar da instituição, que contribui para selecionar por aquela cujos valores e fundamentos mais se assemelhem aos da família em termos de exigências, posturas, visão de mundo.

Conhecer as dependências e possibilidades da escola, seus diferenciais, bem como os professores que estarão encarregados da educação dos filhos também é recomendado e necessário (BALTAZAR, 2004).

A família reflete os problemas da sociedade bem como a presença ou ausência de valores nos diversos contextos humanos (escola, grupo de pares, associações) e desse modo é importante pesquisar sua relação com o desempenho escolar.

Menin (1996, p.52), aponta que Piaget enfatizava a cooperação enquanto operadora no estabelecimento de trocas equilibradas com os outros, sejam estas trocas relativas a favores, informações materiais, influências etc.

Conforme o sentido Piagetiano, o vínculo escola-família prevê o respeito mútuo, o que significa tornar paralelos os papéis de pais e professores,

para que os pais garantam as possibilidades de exporem suas opiniões, ouvirem os professores sem receio de serem avaliados, criticados, trocarem pontos de vista.

Tal relação implica em colocar-se no lugar do outro e não apenas enquanto troca de favores, mas “... a cooperação, em seu sentido mais prodigioso: o de supor afetos, permitir as escolhas, os desejos, o desenvolvimento moral, como construção dos próprios sujeitos, um trabalho constante com estruturas lógicas e as relações de confiança”. (TOGNETTA, 2002)

### Segundo Piaget:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, freqüentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades... (PIAGET, 1972 - 2000, p.50)

A convivência e o relacionamento familiar são fatores fundamentais para o desenvolvimento individual: a inserção da criança no universo coletivo, a mediação entre ela e o mundo, entre ela e o conhecimento, sua adaptação ao ambiente escolar, o relacionamento com os professores e funcionários da escola, a convivência com os colegas, são fatores decisivos para o seu desenvolvimento social.

Considerando que o ser humano aprende o tempo todo, nas mais diversas instâncias que a vida lhe apresenta, o papel da família é fundamental, pois é ela que decide, desde cedo, o que seus filhos precisam aprender, quais as instituições que devem freqüentar, o que é necessário saberem para tomarem as decisões que os beneficiem no futuro.

As relações familiares e o conhecimento da rotina da casa são as referências iniciais da criança; a ida para a escola maternal pode significar uma ruptura com este mundo conhecido e por isso se tornar muito assustador para a criança, assim como para seus pais.

É natural que uma situação nova e desconhecida desencadeie medos, angústias e insegurança, por isto é importante que os educadores considerem essas emoções como algo esperado nesta situação e na medida do

possível ir conversando com a criança e com seus pais a respeito da repercussão destas vivências.

A intensidade com que cada criança suporta essa situação depende muito de aspectos particulares da personalidade e dinâmica familiar. Essas experiências podem ter um caráter bastante primitivo e fogem de qualquer tentativa de explicação racional.

Outro fator presente é a convicção de que o filho é como uma extensão dos pais, sem uma diferenciação; alguns pais se relacionam com o filho como se fosse um eterno bebê sem reconhecer as condições e os recursos da criança. Desta forma infantilizam seus filhos.

A escola, através de seus professores ou diretores podem alertá-los e orientá-los, na tentativa de repensar sua conduta e agir de forma mais coerente com a realidade da criança. (MORETTI, BALTAZAR; BALTHAZAR et alli, 2003)

Quem observou muito bem esses fenômenos psíquicos infantis foi Melanie Klein, psicanalista inglesa. Segundo ela, a separação entre mãe - filho pode também suscitar o ódio na criança e como conseqüência surgirem fantasias muito primitivas e hostis, complicando muitas vezes a separação com a mãe e o ingresso na escola maternal. (KLEIN, 1981)

A experiência da criança no maternal e na pré-escola pode ter pouca semelhança com a educação e o aprendizado formais dos anos seguintes, porém, o que ela aprender pode ser de grande valia para sua vida. Além de ter espaço e liberdade para brincar, pode começar a aprender a conviver com outras crianças, que ao nosso ver é algo fundamental para o seu desenvolvimento e socialização.

O papel do educador é essencial, pois este pode assegurar um ambiente seguro para que tais descobertas possam acontecer. Quanto mais precocemente uma criança com dificuldades for ajudada, maiores serão as possibilidades de se desenvolver de forma salutar aumentando sua autoconfiança, auto-estima e desenvolvendo sentimentos de segurança.

A escola pode orientar os pais a uma reflexão sobre os aspectos emocionais envolvidos na relação com os filhos e perceber o quanto estes fatores se fazem presentes e influenciam no desenvolvimento, crescimento e socialização das crianças; desta forma, tomando consciência das suas próprias emoções e atitudes podem ser orientados a adotar uma conduta mais adequada e realista com relação ao filho.

Para Di Santo (2005), observa-se que alguns pais são mais abertos e maleáveis, o que facilita muito a comunicação, enquanto que outros são mais rígidos, fechados e impenetráveis. Podem se mostrar muito fragilizados frente às observações e comentários dos professores, sentindo-se criticados e culpados. Por isto a função da escola não é fácil e exige habilidade para lidar com estas situações.

Entendemos que ambos, a escola e os pais, estando atentos ao desenvolvimento das crianças, possam observar suas condutas, notando quando algo se expressa de forma exagerada e muito desarmônica.

Para Knobel, psiquiatra e psicanalista :

A família é um grupo primário e natural de nossa sociedade, nos quais o ser humano vive e consegue se desenvolver. Na interação familiar, que é previa e social (porém determinada pelo meio ambiente), configura-se bem precocemente a personalidade, determinando-se aí as características sociais, éticas, morais e cívicas dos integrantes da comunidade adulta. Por isso, muitos fenômenos sociais podem ser compreendidos analisando as características da família. Muitas das reações individuais que determinam modelos de relacionamentos também podem ser esclarecidos e explicados, de acordo com a configuração familiar do sujeito e da sociedade da qual faz parte. (KNOBEL, 1992, p. 19)

Decorrente da realidade atual e considerando que a dinâmica familiar permeia toda relação de grupo, ela pode desencadear vários problemas, sendo a dificuldade de aprendizagem um deles.

A asserção relação escola -família pode ser estudada sob diferentes campos disciplinares e grupos temáticos, conforme destacam Nogueira, Romanelli e Zago (2000, p.10), e atualmente tem sido investigado em nosso país, tema que abordaremos posteriormente.

A relação família e escola têm uma importante função no desenvolvimento escolar e da aprendizagem de crianças que estão na primeira etapa do ensino fundamental, sendo um assunto que merece ser pesquisado devido a sua importância e freqüentes dificuldades encontradas nas escolas.

Nosso estudo prioriza questões sobre dinâmicas familiares, a relação família x escola e sua influência no processo de aprendizagem escolar; acreditando que todos os envolvidos na área da educação serão beneficiados, pois haverá uma maior compreensão da realidade atual da família x escola.

O presente trabalho, norteado pelos pressupostos da psicanálise e da educação, está assentado em procedimentos metodológicos de Estudo de Caso.

Nesta investigação, nosso problema a ser examinado refere-se a:

- É possível a relação da família com a escola, no comprometimento do processo educativo da primeira etapa do ensino fundamental?

Formulamos as seguintes hipóteses:

1. Uma família funcional, permite à criança um desenvolvimento psíquico, social e cognitivo saudável;

2. Os papéis assumidos pelos pais, refletem, na criança a forma como ela irá se comportar e se relacionar no ambiente escolar, seja com os professores, seja com os colegas;

3. A forma como a escola está organizada, está apta para receber crianças com “problemas” de comportamento e familiares?

Para a análise do problema e das hipóteses formuladas, os objetivos do presente estudo foram:

#### **GERAL:**

’ Compreender a relação entre família e escola, focando-se na influência de ambas no desenvolvimento da aprendizagem das crianças da primeira etapa do ensino fundamental.

#### **ESPECÍFICOS:**

’ Analisar a importância da família na aprendizagem da criança;

’Levantar dados a respeito da problemática escolar e de comportamento das crianças;

’Efetuar propostas de ação à escola e à família.

Para a consecução e efetivação do nosso estudo, sua organização compreende um capítulo sobre desenvolvimento infantil, família e sua dinâmica; o capítulo 2 aborda as questões sobre a relação da família com a escola ; a metodologia encontra-se no capítulo 4, onde explicitamos como foi delineada e realizada a pesquisa. No capítulo seguinte, Resultados e Discussão, apresentamos a análise qualitativa dos dados coletados e as Considerações Finais encontram-se no capítulo 5.

As Referências Bibliográficas apontam as contribuições de estudiosos do desenvolvimento infantil e da educação, especificamente no que se refere ao processo ensino – aprendizagem.

## CAPÍTULO 1 – DESENVOLVIMENTO INFANTIL, FAMÍLIA E A SUA DINÂMICA

Abordamos, inicialmente, sobre a infância, as relações das crianças com seus pais, cuja etapa em que prevalece a figura materna e que durante muito tempo isto foi levado ao exagero, com a exclusão parcial e até mesmo total da figura paterna, conforme apontam alguns estudiosos, dentre eles, Freud, Melanie Klein; René Spitz, John Bowlby, Donald Winnicott, entre outros.

Não abordaremos as contribuições teóricas de todos eles, visto não ser o objetivo do nosso estudo, uma vez que demandaria um estudo exaustivo, mas sim delinear alguns dos principais pressupostos destes estudiosos do psiquismo infantil essenciais na compreensão do tema proposto.

Segundo Cury (s/d), o século XVIII foi magnânimo em apresentar ao mundo grandes nomes do pensamento pedagógico que até hoje servem de referencial para todos os estudiosos e pesquisadores da área.

Iniciaremos com a visão de um grande educador e filósofo – Jean – Jacques Rousseau – cuja essência do seu trabalho foi considerar a educação da criança como promessa de um progresso que incluía em si, a afetividade.

Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), foi o precursor das pedagogias literárias, foi ele o primeiro a chamar a atenção dos educadores para o estudo das crianças. Para ele, a educação da criança é um compromisso de um progresso que incluía em si, desde logo, a afetividade. (CAMBI, 1999)

Rousseau defendia uma educação não repressiva, respeitadora da livre expressão emocional e artística dos alunos; propunha uma educação natural, longe das influências do ambiente social e com o apoio de um pedagogo que orientasse a criança no processo formativo a refletir as exigências da própria natureza.

Sigmund Freud (1905), foi outro importante precursor do desenvolvimento infantil ao imputar as bases da sexualidade infantil e da vida instintiva – pulsões de vida e de morte, dos princípios do prazer, da realidade, da relevância dos afetos – amor, ódio, inveja, rivalidade, competição - ao evidenciar o narcisismo primário e secundário (oriundos de injúrias de auto – estima) e também dos complexos edípicos. (MELLO FILHO; BURD, 2004)

A partir das pesquisas de Freud, surgiram outros estudiosos interessados nos assuntos do desenvolvimento infantil, pois de sua compreensão dependia o futuro do ser humano, para sempre ligado às suas raízes primitivas. Na década de 40, os grandes expoentes que se destacaram foram Renè Spitz, John Bowlby, Melanie Klein, Anna Freud e Donald Winnicott.

Na verdade, todos estes teóricos mostraram estudos mais completos do que os do próprio Freud, uma vez que observaram diretamente as crianças e suas mães num *setting* clínico e/ou experimental e não discutiam somente a reconstituição da infância em pacientes (adultos), submetidos à análise. (Ibid., p, 167)

Estes pesquisadores da infância acentuavam a importância dos cuidados maternos (e paternos) no desenvolvimento infantil como um todo – a mola propulsora da saúde mental.

Analisar a família e o relacionamento entre seus membros é uma atividade complexa, que requer uma minuciosa observação, uma vez que a rede familiar está inserida num contexto sócio-histórico e sofre influências de problemas oriundos do ambiente externo, que influem direta ou indiretamente na rotina da família e transparecem na relação com os filhos, podendo assim aliviar tensões ou ampliá-las.

Vários são os fatores que influenciam as ações familiares, dentre eles, podemos citar a própria mudança no comportamento da sociedade no decorrer das décadas. Na década de 50, por exemplo, a vida econômica era estável, a família era patriarcal e os valores morais eram extremamente marcantes.

Atualmente, na maior parte das famílias as mulheres são as responsáveis pelo seu sustento, a vida econômica tornou-se altamente instável e os valores morais passaram a ser transitórios. Além das mudanças sociais, que modificam a estrutura da família, destacamos a instituição de ensino, pois esta tende a questionar e por em dúvida o papel relevante da família na aprendizagem do filho e avalia, muitas vezes, as crianças como incapazes ou inadaptadas, devido às dificuldades de aprendizagem que apresentam. Esta apreciação da escola também altera significativamente relações familiares.

Sabe-se que, "quando os pais constroem altas expectativas para si, passam inevitavelmente exigir muito da criança - que apresentem rendimento

escolar excelente, que se sobressaia em tudo o que faz para ser melhor que os outros etc." (MALDONADO, 2002, p. 20).

De acordo com Maldonado (2002, p.30), os pais e filhos precisam crescer juntos e em todas as fases do desenvolvimento são necessárias adaptações na forma de lidar com as situações que surgem.

Os pais, em sua maioria, agindo de modo incorreto, tentam dar ao filho a oportunidade que não tiveram. No entanto, a cobrança exagerada dos pais pode causar na criança sérios problemas na aprendizagem e, ainda, provocar na escola um temor de que a família possa "dominar seu território", dificultando sua autoridade, pois "os pais se vêm sendo orientados sobre a forma de como agir com seus filhos, mas os professores não gostam que lhes digam o que devem fazer" (LAHIRE, 1997, p. 338).

As crianças começaram a ir precocemente para a escola, fato que pode favorecê-las ou não, dependendo do acompanhamento escolar e familiar realizado. Caso a criança seja bem assistida, esse ingresso prematuro na instituição pode ajudá-la a se desenvolver melhor em todos os aspectos: sociais, cognitivos etc.

Todavia, se a família coloca-a na escola, mas não a acompanha pode gerar na criança um sentimento de negligência e abandono em relação ao seu desenvolvimento. "Por falta de um contato mais próximo e afetuoso, surgem às condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e quase sempre, também na escola em termo de indisciplina e de baixo rendimento escolar" (MALDONADO, 2002, p. 11).

Em outros momentos pode-se criar uma criança autoritária e desobediente por culpa dos próprios pais que por trabalharem demais e estarem ausentes da rotina do filho permitem, por um sentimento de culpa, que a criança faça tudo o que desejar. Tal comportamento dos pais é prejudicial à própria criança, que fora do ambiente familiar não encontrará tamanha facilidade.

O relacionamento familiar é difícil, isso não quer dizer que uma família feliz não possa discutir, pelo contrário, essa troca de opiniões é rica para o crescimento da confiança e auto-estima familiar. Esses diálogos serão necessários em toda etapa do crescimento da criança e do amadurecimento da família.

Para Winnicott (1996), a família pode ser considerada como centro e a criança como parte desta. A criança sempre é estudada em relação a sua família ou em relação à falta de uma.

A família constitui um grupo, cuja estrutura se relaciona com a organização da personalidade do indivíduo, ela é o primeiro agrupamento e o que está mais próximo da unidade da personalidade e em termos de crescimento do indivíduo. Bons pais constroem um lar e mantêm-se juntos, provendo então uma relação básica de cuidados à criança e mantendo, portanto, um contexto em que cada criança encontra gradualmente a si mesma (seu *self*) e ao mundo, e uma relação operativa entre ela e o mundo.

Em relação ao *self* Winnicott nos esclarece que:

O sentimento de identidade – de ser subjetivo, está vinculado à constituição de um *self* integrado, uma unidade psíquica que, para se constituir adequadamente, precisa da presença e do olhar de uma outra pessoa significativa. Na existência de um ambiente propício para receber os gestos espontâneos do bebê, entendê-lo e refleti-lo, é que o ser humano torna-se capaz de construir uma referência de si mesmo. É no brincar que a pessoa, criança, adolescente e/ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral – e ao ser criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*). (WINNICOTT, 1975, p. 80-81)

É neste tipo de ambiente, que Winnicott enfatiza que a família possui um lugar claramente definido naquele ponto em que a criança em desenvolvimento, trava contato com as forças que operam na sociedade. As relações da criança com a mãe, originam os alicerces da saúde mental do indivíduo.

A criança, como se sabe, passa por vários estágios em seu desenvolvimento e em todas elas ocorre uma série de ações, mudanças, cada vez mais compatíveis com a conservação do vínculo inconsciente com a figura central – a família. A estimulação para a aprendizagem deve ser compreendida na relação entre os aspectos afetivos e cognitivos do indivíduo, ambos dependentes do meio social. Desta forma, as crianças provenientes de contextos familiares que não conseguem valorizar a aprendizagem escolar tendem a não investir energia suficiente para aprender.

Na educação, os pais podem transferir para a criança todas as suas crenças, assim como servem de modelos para a criança. Se a família consegue

oferecer um ambiente facilitador para a criança com certeza só terá a acrescentar e ajudar no desenvolvimento dela, porém se esse ambiente familiar não oferecer uma condição satisfatória e sim com patologias e "bodes expiatórios", essa criança terá seu aprendizado comprometido e a família será um produtor de problemas de aprendizagem, pois, a criança não terá suporte emocional e nem condições psíquicas para enfrentar o aprendizado.

Na escola, a criança terá de adaptar-se a essa nova realidade e é de muita importância o apoio dos pais nesse momento. Os pais já devem estar preparados para lidar com essa grande mudança na vida infantil, pois antes, a criança vivia somente entre o seio familiar e ao lado de pessoas de confiança. Agora, passa a fazer parte de um mundo imenso e desconhecido e todas as funções serão necessárias para ela enfrentar esse momento; daí a importância de ter o seu aparelho emocional e psíquico bem estruturado o que lógico só terá se o ambiente familiar lhe propôs.

Esse afastamento da criança de seu lar, também trará novos desafios e angústia para a família, principalmente para a mãe. A mãe pode não querer deixar seu filho ir e a criança sentirá essa angústia e embora goste da escola chora para não ir, pois não suporta a dor da mãe pela separação. A criança reage melhor a essa situação de separação quando a mãe dá apoio emocional. As mães vivem muitas agonias e é bom que as crianças não presenciem isso e nem se envolvam, pois elas já têm suas próprias angústias e desafios pela frente, o que faz parte de seu crescimento.(WINNICOTT,1996)

É normal também, na época da escola, as crianças levarem seus objetos de transição o que pode ser um cachecol, ursinho, fralda e etc. Esse objeto une a criança à realidade externa ou compartilhada. Faz parte tanto da criança como da mãe. Normalmente, ela usa esses objetos nos momentos de transição, ou seja quando a mãe não está por perto como na hora de dormir e é natural querer no início levar para escola. O professor deve ir devagar e respeitar esse momento da criança, quando ela sentir-se mais segura com o novo ambiente que irá deixar em casa – sentir-se-á segura na escola, num ambiente acolhedor, como sua casa e família.

Por outro lado, as crianças também tendem a sentir-se desleais quando gostam da escola e apreciam esquecer-se de suas mães por algumas

horas. Por isso, sentem-se ansiosas quando se aproximam de casa ou muitas vezes demoram a chegar.

Normalmente as mães se zangam, mas também devem ter paciência e entender as dificuldades dos filhos que muitas vezes tem reações inesperadas ou fora do costume, o que é normal devido às diversas transformações que vão passando no decorrer do seu desenvolvimento.(WINNICOTT, 1996)

A criança normal, que vive num lar normal, tem objetivos e vai à escola querendo de fato aprender alguma coisa; trava contato com seu próprio ambiente, e chega até a ajudar a conservá-lo ou modificá-lo. A criança desajustada, por outro lado, tem necessidade de um ambiente cuja tônica seja o cuidado, e não o ensino.

Para a criança que vai pela primeira vez à escola, isso funciona como um alargamento do lar. A escola da criança pequena deve estar integrada ao lar e não deve dar muita ênfase ao ensino propriamente dito, pois as crianças dessa idade necessitam mesmo é de oportunidade para brincar organizadamente e condições controladas para poder dar início a sua vida social. Reconhece-se que o verdadeiro grupo da criança pequena é seu próprio lar.

Winnicott (1982), justifica que:

A função da escola maternal não é ser um substituto para uma mãe ausente, mas suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha. Uma escola maternal ou jardim de infância, será possivelmente considerado de um modo mais correto, uma ampliação da família *para cima*, em vez de uma extensão *para baixo* da escola primária. (p. 214)

Portanto, antes de verificar qual é o papel da escola maternal e o da professora, em particular, é aconselhável assegurar que a criança realmente precisa da mãe e a natureza do papel que a mãe desempenha na evolução psicológica saudável. Uma vez compreendidas estas questões, é que se pode conseguir um entendimento real da forma como a escola maternal pode dar continuidade ao trabalho da mãe. (Ibid.,p.214)

Segundo Regis de Moraes (1989), para existir o aprendizado é preciso uma interação entre o educador, o ensinante e ensinando, respeitando os limites de cada um e sua privacidade. O mundo, a sociedade, também educa, nós somos

marcados por eles, e podemos aprender a todo o momento. É preciso a participação da família nesse aprendizado, a qual já se deu início a socialização.

A família e a escola têm responsabilidades quase que indissociáveis, por isso é importante que haja uma comunicação entre ambos o lado sobre o processo e desenvolvimento do aluno, pois qualquer problema de um dos lados, com certeza irá interferir de alguma forma no outro.

O professor tem papel fundamental nessas modificações, visto que eles influenciam grandes partes dos comportamentos dos alunos e ensinam as crianças e jovens a ter consciência de deveres e valores de julgamentos como forma de convívio social, outra linha grande que faz parte da educação se origina na escola e é muito importante o professor ter características especiais para dar uma boa formação ao aluno.

Delours et al. (1998), apresenta quatro pilares onde a educação deve organizar-se para favorecer o conhecimento: *aprender a conhecer* como instrumentos da compreensão também significa aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida, *aprender a fazer*, para aprender a agir sobre o meio envolvente, *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas e finalmente *aprender a ser* como via essencial ou integrar os três precedentes.

Pode-se então chegar à conclusão de que aprender faz parte de um processo integrado no qual toda a pessoa (intelecto, afetividade, sistema muscular), se mobiliza de maneira orgânica. A aprendizagem é um processo qualitativo pelo qual a pessoa fica mais bem preparada para novas aprendizagens, decorrente de uma transformação estrutural da inteligência do sujeito. (BORDENAVE, 1999).

Neste contexto social, fala-se de aprendizagem e família e a possibilidade de vinculação entre ambas. Abordamos, sucintamente, alguns pontos de vista sobre família e suas funções.

Como podemos observar, a família e a sociedade sofreram grandes transformações, devido às influências que sofreram da própria relação entre ambas.

Soifer (1994), psicanalista Argentina e terapeuta familiar, define a família como:

Estrutura social básica com entrelaçamento diferenciado de papéis, integrado por pessoas que convivem por tempo prolongado, em uma inter-relação recíproca com a cultura e a sociedade, dentro da qual se vai desenvolvendo a criatura humana, premiada pela necessidade de limitar a situação narcísica e transformar-se em um adulto capaz. A defesa da vida é seu objetivo primordial. (p. 23)

Para Soifer, então, as funções básicas da família se resumem em duas: *ensino e aprendizagem*.

Os primeiros anos de vida de ensino cabem totalmente aos pais, ao passo que corresponde às crianças a função de aprender. A partir da entrada na escola fundamental, os filhos começam a trazer ensinamentos obtidos na escola, que transmitem aos pais. Tal situação começa a se ampliar na escola secundária e através da frequência a outros ambientes, nos quais os adolescentes vão aprendendo noções relacionadas com o progresso científico e a relação ensino-aprendizagem se equilibra entre pais e filhos, por partes iguais, como é de praxe em todo relacionamento humano.

A estrutura familiar tomou, durante a mudança do tempo, vários modelos e diferentes formas na sua organização. Com isso, a família que antes lhe era atribuído o acompanhamento físico, psicológico e mental para a formação de personalidade de seus integrantes, “perdeu” seu significado e função muito importantes para os seres humanos.

Knobel (1992, p. 20-21), psiquiatra, psicanalista e pesquisador Brasileiro nos âmbitos da infância, adolescência e família, comenta que no presente momento estamos assistindo à profundas mudanças na estrutura familiar e suas correlações internas e externas. Configura-se assim um “complexo” social, psicológico e biológico com variados e também complexos “subsistemas”.

Na história da família observa-se que da família tipo “tribal” (onde praticamente todos os parentes configuravam a família e que ainda se observa em alguns grupos culturais,) passou-se à família “extensa”, com os consangüíneos mais diretos. Depois passamos ao que se pode chamar de família “nucleares”, formadas só pelos pais, filhos e algum avô ou um outro familiar, até chegar atualmente à família “reduzida”, com uma precoce desvinculação dos filhos e a estrutura complementar do casal.

A família do século XX, passou a se mostrar uma vida familiar mais privada e dentro dessa privacidade a individualidade de cada membro, assim

também passou a concentrar momentos específicos, como refeições, comemorações, compromissos, etc.

Com a escolarização, as famílias passaram a transferir a escola à função de ensinar o aprendizado da vida em sociedade. A utilização das escolinhas (jardim de infância, creches e outros), tornou-se cada vez mais frequentes, o que era no início como um lugar onde as mães pobres pudessem deixar seus filhos para trabalhar, hoje se tornou quase que uma “necessidade” infantil, pois não há mais diferenciação de quem trabalha ou não; isso se tornou mais uma forma de empresa privada.

Prost e Vincent (1992, p. 74), observam a substituição da família pela escola, com seu próprio consentimento, pois a família tem consciência de sua incapacidade estatutária. A família tornando-se privada, deixa de ser plenamente educativa, porque toda educação é educação para a vida pública. A família deixa de ser uma instituição para ser apenas um ponto de encontro.

Na metade do século XX, o casamento era visto de forma coletiva, inserido numa realidade social e possuía um acompanhamento jurídico forte e o divórcio quase não se ouvia falar.

Apesar de difícil classificação, os sentimentos visíveis que uniam os casais eram atração um pelo outro, entendimento entre o casal, entre outros, mas o aspecto sexual existia de forma forte, mas ele não era a prioridade, pois a sexualidade estava associada a procriação.

Com a chegada da década 60, os costumes começaram a se modificar, surgiu a gravidez indesejável e fez-se necessário um planejamento familiar, assim o casamento passa a ser uma formalidade. Essas mudanças continuaram e nos anos 70 o divórcio já não era novidade na sociedade, com isso o número de casamentos diminuiu.

A família está claramente passando por uma crise, a qual Roudinesco, psicanalista francesa, atribui à perda do pai. Por séculos o pai foi a figura maior a qual hoje foi desafiada e concedida o lugar à “maternidade”.

Para Roudinesco (2004, p. 26), “existem aqueles que temem mais uma vez sua destruição ou sua dissolução, mas, objetamos, em contrapartida, que a família contemporânea, horizontal e em redes vem se comportando bem e garantindo corretamente a reprodução das gerações”.

Assim, ela continua se referindo às instituições da família, casamento e filhos:

Despojados dos ornamentos de sua antiga sacralidade, o casamento, em constante declínio, tornou-se um modo de conjugalidade afetiva pelo qual, cônjuges, que às vezes escolhem não ser pais, se protegem dos atos perniciosos de suas respectivas famílias ou das desordens do mundo exterior. É tardio, reflexivo, festivo ou útil e freqüentemente precedido de um processo de concubinato ou de experiências múltiplas de vida comum ou solitária. (p. 27)

Cada vez mais os filhos são concebidos fora do casamento, e com isso podem assistir às núpcias de seus pais; infelizmente os pais não unidos para a vida toda, mas, em muitos casais por um curto período de tempo, o divórcio aparece.

Para Roudinesco, apesar de todas essas mudanças a família é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições.

Já descrevemos acima, algumas considerações sobre a criança, sua família e seu ingresso na vida escolar. No entanto, torna-se oportuno abordar alguns aspectos mais específicos no que tange essas questões que permeiam a vida familiar da criança, antes de discorrermos sobre a possibilidade de parcerias entre família e escola.

Estamos nos referindo à criança, à escola, o professor e os pais.

Explanar sobre a família, escola e a formação de sintomas em crianças é um tema instigante e ao mesmo tempo complexo e abrangente. Abordamos sucintamente alguns teóricos que pesquisam o tema.

Küpfer, em seu livro *Educação para o futuro: psicanálise e educação* (2000, p.35), comenta que o ato de educar está no cerne da visão psicanalítica do sujeito. Pode-se concebê-lo como ato por meio do qual o Outro primordial se intromete no cerne do *infans*, transformando-a em linguagem. É pela educação que um adulto marca seu filho com marcas de desejo; assim, o ato educativo pode ser ampliado a todo ato de um adulto dirigido a uma criança.

Trabalhar com crianças que mostram tais características é construir um lugar intermediário entre a escola comum e a escola terapêutica, com todas suas implicações pedagógico-metodológicas e institucionais. Trata-se de criar um lugar onde, antes de formar um cidadão, ajuda-se a construir e ou a reconstruir um sujeito psíquico (ZIMMERMAN, 1995).

Baltazar e Moretti (2004b), explicam que não há melhor escola de formação cultural, social e psicológica que o próprio lar. As teorias psicológicas de diversos matizes e diferentes orientações poderão servir como base estrutural científica, educacional, formativa para jovens e adultos, especialmente para aqueles comprometidos com a responsabilidade de orientar novas gerações. Mas nada há que exceda, em sua capacidade configuracional de definição da personalidade do indivíduo, o exemplo do comportamento de seus próprios pais, desde o começo de sua vida (ainda que seja um reflexo de determinada estrutura sociocultural e produto de um determinado padrão político-econômico).

Em relação aos filhos e às expectativas quanto à escola, encontramos várias fantasias familiares, das quais enumeraremos apenas duas: (a) o desejo de que a instituição escolar “edueque” o filho naquilo que a família não se julga capaz, como, por exemplo, em relação a limites e sexualidade; (b) que ele seja preparado para o ingresso na universidade e para obter êxito profissional e financeiro.

A função da escola é *educar*, isto é, conforme o significado etimológico da palavra, “colocar para fora” o potencial do indivíduo e oferecer um ambiente propício ao desenvolvimento dessas potencialidades, ao contrário de *ensinar*, que é in + signo, ou seja, colocar “signos para dentro” do indivíduo. Evidentemente, a criança chega na escola levando consigo aspectos constitucionais e vivências familiares, porém o ambiente escolar será também uma peça fundamental em seu desenvolvimento. Esses três elementos – aspectos constitucionais, vínculos familiares e ambientes escolar – constituirão o tripé do processo educacional.

Outeiral e Cerezer (2003), relatam que a escola e a educação vivem um momento de perplexidade, sem definição de como conciliar as necessidades de uma sociedade em mudança permanente (com contestação, transformações e mudanças de paradigmas e valores) e uma proposta educacional que prepare “o homem do futuro”.

Temos de pensar, então, que nem sempre a escola “tem razão”, e muitas vezes a apreciação da criança é correta. A escola é feita por indivíduos (professores, supervisores, orientadores e diretores são “pessoas”), que lidam melhor ou pior com determinadas situações. Os pais têm que estar atentos para situações que derivam desses fatos. Qualquer “Manual de Educação Moderna”

aponta como pressuposto a necessidade de respeitar as características individuais do aluno; entretanto, o que se verifica, na prática, é a realização de um ensino massificado, em grandes escolas de turmas enormes de alunos, mais ao estilo de uma linha de montagem industrial.

Os professores são também, posteriormente aos pais, objetos de “amor edípico”, ocorrendo uma transferência edípica. Algumas dificuldades escolares na infância assemelham-se a situações desse tipo. É interessante lembrar também que trabalhar com crianças, como já vimos, desperta o infante que existe nos adultos, e isso, nos professores, poderá desenvolver distintos sentimentos por uma determinada criança que lhes evoque as situações de vida de sua própria infância.

O que confere à escola importância vital no processo de desenvolvimento infantil é o fato de ela ter características de ser uma simulação da vida, na qual existem regras a serem seguidas, mas que se pode transgredi-las sem sofrer as conseqüências, impostas pela sociedade, e ser esta uma oportunidade de aprender com a transgressão.

Deve-se levar em conta, também, que a relação do aluno com a escola é afetada pela significação que os pais dão a ela, aos estudos de seu filho e as relações dele com os demais alunos. Pais que tenham sido submetidos a uma escolarização muito rígida podem, inconscientemente, buscar uma escola permissiva que “compense” a sua vivência escolar de sofrimento.

Podem, por outro lado, fazer com que seus filhos sofram tanto quanto eles e “passem” por tal situação para tornarem-se “tão educados” quanto eles. (BALTAZAR e MORETTI, 2004, p. 130)

Uma variável a ser examinada neste contexto escolar, seja de ingresso e/ou de adaptação da criança, refere-se às questões sobre inibição intelectual.

Observamos que cada vez mais, crianças de diferentes faixas etárias, encontram-se na escola apresentando inadequações do funcionamento intelectual e há aquelas que se manifestam com uma incapacidade na aprendizagem por vezes, já assinaladas pela escola, antes do início da aprendizagem formal. Ou seja, as crianças que não conseguem acompanhar o raciocínio da professora e de seus colegas, são encaminhadas para atendimento psicológico ou psicopedagógico, apresentando dificuldades nas mais diversas áreas de aprendizagem.

A verificação da inexistência de fatores orgânicos ou déficits intelectuais faz com que nos defrontemos com o que chamaremos de inibição intelectual: uma impossibilidade de utilizar-se dos recursos dos quais dispõe. Deve-se identificar os sintomas e os diferentes conflitos por eles desencadeados; pode-se recorrer a uma história da vida familiar e escolar desse paciente, mas primordialmente, o psicanalista deve preocupar-se em compreender os movimentos psíquicos que nessa criança parecem ser as fontes de suas manifestações para, depois, relacioná-los aos outros elementos. (SOUZA, 1995)

Não se trata de reduzir a criança a um mundo interno, mas de verificar como as experiências foram incorporadas nesse mundo interno e que fatores podem estar em jogo nesse processo. Geralmente, descobrimos a existência de um grande sofrimento e urge verificarmos que significações são dadas a essas vivências e por que isso é vivido de tal forma. Nos defrontaremos com questões de ordem psíquicas, familiares, sociais, escolares ou culturais, mas visamos compreender a forma como tais elementos foram significados por aquela criança para podermos definir as formas possíveis de intervenção.

A questão da inibição intelectual, para Freud, aparece principalmente ligada aos distúrbios de inteligência dos neuróticos, nos quais as inibições e as soluções de compromisso substituiriam o prazer ligado ao uso da inteligência. Essas idéias infantis e no papel da repressão da curiosidade infantil dessa fase.

Em seu artigo *Inibição Sintomas e Angústia*, Freud (1926), discute a relação entre inibição e sintoma, esclarecendo que o termo “inibição” refere-se a uma diminuição de uma função, enquanto o sintoma seria mais a transformação de tal função (formação substitutiva). Assim, muitas vezes o ego recorre a uma inibição de suas funções, a fim de evitar, por exemplo, um conflito. (FREUD, 1976)

Algumas dificuldades das crianças encontram na sua vontade de saber, enfatizada nos porquês e que se deparam com algumas “respostas” (imposições de idéias feitas) por adultos e que ao responderem, muitas vezes não transmitem a verdade e até desmerecem a inteligência das crianças.

Klein acreditava que, ao possibilitar uma educação menos repressiva à criança, esta teria mais condições de exercer, na sua plenitude, suas capacidades intelectuais. Em tal experiência educacional, Klein respondia com sinceridade e franqueza a todas as perguntas das crianças, dentre as quais podemos citar questões sobre: o nascimento, a existência de Deus, sobre a morte, o papel do pai

no nascimento e no ato sexual, da renúncia ao princípio do prazer etc. (KLEIN,1975)

Baseava-se na crença de que tal perspectiva protegeria o pensamento contra a tendência à repressão, evitando assim o perigo de que tal retirada da energia instintiva diminuísse a capacidade sublimatória na criança, permitindo uma expressão clara de sua curiosidade natural e de seu impulso para a pesquisa do desconhecido. Assim, seria possível evitar inibições intelectuais que teriam por base o termos inconsciente de que tais indagações pudessem encontrar coisas proibidas ou consideradas pecaminosas por seus pais anteriormente.

Klein percebeu que durante o processo de análise de crianças, as interpretações tinham como efeito a superação das inibições e a ampliação do campo de exploração da criança tanto no que se refere às questões do mundo externo e do conhecimento, quanto à possibilidade de exploração de suas fantasias e de seu mundo interno. Tal perspectiva remete, mais uma vez, ao papel dos fatores emocionais na determinação das inibições intelectuais.

Queixas de inibição intelectual, dentre elas, as angústias relativas às coisas perigosas, que podem estar acontecendo dentro de seu corpo ou no de sua mãe, que podem suprimir toda investigação sobre eles. Tais perigos se referem aos efeitos que, em sua fantasia, imagina poder causar com sua agressividade, além do conseqüente medo da retaliação.

De acordo com as constatações de Soifer (1982):

A autoridade do conhecimento constitui o eixo do poder parental. Os progenitores ensinam que esta é sua obrigação, mas através do ato de transmissão dos conhecimentos exercem sua autoridade ajudando os filhos a discernirem entre a fantasia e a realidade. Na base da formação do superego, como se sabe, encontra-se a imagem protetora e orientadora dos pais, na sua qualidade de mestre. Por conseguinte, junto com a função de ensinar e dentro do conceito de autoridade se acham a função de pôr limites. Pôr limites significa dar noção de realidade, noção que, em ultima instância, constitui o limite decisivo com relação à fantasia. (p. 26)

As contribuições atuais apontam para a importância das primeiras relações de objetos que, de alguma forma, auxiliaram a criança a formar um aparelho psíquico capaz de pensar. Cabe destacar o lugar ao objeto externo real, o que aponta na direção de que o ambiente pode influenciar de forma significativa na possibilidade de a criança usar, com plenitude, suas potencialidades.

As questões levantadas fazem pensar que não é suficiente ter capacidade intelectual para bem aprender, é necessário também que esta se acompanhe de uma estrutura de personalidade razoavelmente madura emocionalmente e, para tal, que tenha superado, com auxílio de sua família, a etapa de seu desenvolvimento na qual predomina o processo primário, podendo assim utilizar-se do processo secundário de pensamento e de mecanismos de defesa mais evoluídos e adaptado à realidade.

Assim, a vida escolar e a aprendizagem de um modo geral são aspectos de extrema importância na vida de uma criança, sendo que tais aspectos também dependem de seu estado de saúde mental, da estrutura de sua personalidade e da dinâmica familiar na qual esta se encontra incluído; porém, não se pode deixar, mas sim insistir na importância de levar em conta a dinâmica da relação pai-mãe-crianças-irmãos.

Para Souza (1995), ao ingressar na escola, a criança já traz consigo uma atitude diante da possibilidade de conhecimento. Essa postura foi estabelecida desde os primeiros anos de vida, a partir da forma como, dentro de sua família, a relação com o conhecimento foi estabelecida. Sendo o conhecer não referente somente à realidade objetiva mas, talvez à realidade subjetiva, isto é, seus impulsos e fantasias.

Nesta sua trajetória familiar, a criança já passou por um processo de exploração do mundo, que vai da curiosidade ao desejo de aprender, do princípio do prazer ao princípio da realidade, da onipotência da fantasia ao pensamento e da relação exclusiva e primordial com a mãe em direção ao pai e ao mundo.

A autora ainda destaca como a inibição se relaciona com a vida psíquica da criança, que pode atrapalhar o bom desenvolvimento do processo cognitivo e sua relação com a aquisição de conhecimentos e com a família, na medida em que as atitudes parentais influenciam a relação da criança com o conhecimento e com a escola. Ela coloca que a forma com que a criança irá se relacionar com o professor está ligada à forma como foram elaboradas as angústias edípicas, na medida em que o professor representa um substituto materno ou paterno.

Diante disso, o que a escola pretende ensinar nem sempre coincide com o que a criança quer ou consegue aprender, pois o professor parte daquilo que é para ele do simples ao complexo, atribuindo simplicidade ao código alfabético,

enquanto para a criança isso é o mais complexo, é o termino de um processo e não o inicio.(SOUZA, 1995)

Como já afirmamos anteriormente, para a criança, ingressar na escola é entrar em um mundo novo, onde ela deverá adquirir alguns conhecimentos – gradualmente mais complexos – que lhes serão importantes em uma dada sociedade e cujas bases serão indispensáveis ao seu futuro desenvolvimento.

Trata-se de algo novo, não somente do ponto de vista psicológico geral, porque a partir daí, o jovem passará de um sistema de conhecimentos norteados por um certo número de regras de aprendizagem, como também do ponto de vista afetivo, porque a escola implica a separação do seio familiar e nova forma de adaptação social, em razão da essencial integração a um grupo novo, geralmente heterogêneo, distinto do meio familiar. (BALTAZAR, 2004a)

Elemento unificador e importante no grupo é o professor – representante do conhecimento e da autoridade. Este professor desempenha o papel de transmitir os saberes de forma pedagogicamente adequada e de responder às transferências do grupo ou de cada um deste grupo em relação aos seus próprios problemas.

A relação aluno – professor dependerá, portanto, em grande parte, de como é o professor inconscientemente, de seu grau de maturidade afetiva, e de suas reações ao comportamento inconsciente da criança – estamos falando de relações transferenciais, conforme apontou Freud em seu artigo *A psicologia do escolar* (1914) (FREUD, 1976)

Neste momento é oportuno discorrer sobre algumas características do desenvolvimento infantil, especificamente àquelas pertinentes às crianças situadas na faixa etária de 6 anos – objeto do nosso estudo. Lembramos que os pais e a professora foram os entrevistados com vistas a nos dar referências sobre o comportamento destas crianças que estão iniciando a vida escolar e apresentar algumas dificuldades na evolução de seu desenvolvimento.

Em seu desenvolvimento psicológico, a criança de 6 anos apresenta as seguintes características (STEINER, 1993; MORETTI BALTAZAR & BALTHAZAR et al. (2003):

1. Gosta de ser o centro do seu próprio universo;
2. Sabe tudo e quer tudo á sua maneira;

3. Existem momentos em que se mostra dominadora, obstinada e agressiva;
4. Emocionalmente é excitável e desafiadora,
5. Eticamente é pouco apta, devido à sua fase evolutiva, que lhe imprime a tentação de “enganar”, o que é mais notório no campo dos jogos.
6. Aceita a culpa com mais facilidade em determinadas situações;
7. Sempre está à espera de um elogio e aprovação dos familiares e/ou professores e amigos;
8. Comporta-se de forma lenta ou negativamente quando lhe ordenam alguma tarefa, porém, em seguida, empreende em realiza-la;
9. Possui dificuldade para decidir, vacila entre duas possibilidades;
10. Gosta de ter à sua volta, muitas coisas/objetos, mas não se dedica a cuida-las;
11. Algumas gostam de apropriar-se de coisas alheias, de modo que pega no que vê e deseja, independentemente de quem seja o dono;
12. Tem certa irresponsabilidade; pode adaptar-se plenamente em dois mundos: o de sua casa, que lhe exige novas responsabilidades e o da escola, com todas as suas estruturas, regras, normas, valores, etc.;
13. Começa a perceber-se e a conhecer-se a si própria, firmando, assim, as bases para a sua auto-estima, auto-conceito e auto-imagem, que culminará e amadurecerá nos 7 e 8 anos;
14. Capta mais coisas do que o que na realidade pode manejar;
15. Já tem habilidades para explorar, tocar e mexer em todos os materiais que utiliza, seja em casa, seja na escola;
16. Seu comportamento frente à situações ansiógenas, tensionais ou descargas chegam, por vezes, a um ponto limite, e até mesmo a perder o controle, manifestando-se através de agitação, roer as unhas, etc.;
17. Deseja e precisa ser a primeira, a mais querida por seus familiares e colegas;

18. Agrada-lhe contar histórias exageradas, quando reunida com os demais amiguinhos;
19. Mostra verdadeiro interesse ao valor do dinheiro, como ganho e recompensa;
20. Tem medo dos ruídos, essencialmente aos elementos da natureza (chuva, trovão) assim como aos seres humanos e fantasmas;
21. Adora o elogio e não tolera a crítica;
22. Tem noção do que é “adequado”/bom e do “inadequado”/ mau, mas de forma rudimentar, pois a relaciona ainda muito com atividades aprovadas ou desaprovadas pelos pais;
23. É extremamente dominante em relação às coisas que lhe pertencem.

’ Nos âmbitos escolares, a criança:

1. Gosta do professor e quer agradar-lhe; deseja o seu elogio, a sua atenção e ajuda;
2. Instintivamente, identifica-se com tudo o que sucede e está à sua volta, pelo que está capacitada para interiorizar novos conhecimentos e novas experiências pessoais e culturais;
3. Aos 6 anos não está ainda preparada para uma instrução formal da leitura, escrita e aritmética, mas consegue aprender através do concreto;
4. Os seus desenhos espontâneos são mais realistas; consegue apreender o simples e o primitivo da natureza (casa, árvore, etc.);
5. Deseja seriamente estudar, apesar dos seus altos e baixos.

Efetemos uma leitura sob o ponto de vista do desenvolvimento cognitivo da criança (na escola), expondo somente as contribuições de Freud e Piaget, de forma resumida. Lembramos também que existem outros estudiosos da psicologia e da pedagogia que investigaram as questões cognitivas infantis, relacionadas ao processo ensino - aprendizagem – Vygotsky, por exemplo.

Freud (1900), por exemplo, nos oferece dois modelos de aparelho psíquico: na primeira tópica, distingue o inconsciente, o pré-consciente e a percepção-consciência; na segunda (1920-1923), recorre a uma nova distinção das instâncias – o id, o ego e o superego. A contribuição fundamental da primeira tópica é o inconsciente.

O ego é a sede da consciência. Constrói-se para assegurar a estabilidade da pessoa, sustentar sua identidade, espécie de “monarca constitucional” diz Freud, devotado a “falsidade diplomática” encarregado de se defender contra os “três déspotas”- o id, o superego e o mundo exterior. O id permanece como reservatório pulsional e o superego como instância crítica, a consciência moral.

No pensamento Freudiano percebemos que o ego é sempre trabalhado pelas forças inconscientes que procuram se manifestar. A unidade e a identidade não são nunca adquiridas; o conflito é permanente.

Freud nos forneceu referências para listar os diferentes tipos de identificação que o sujeito coloca em prática para construir seu ego. O ego ideal e o ideal do ego encontram sua fonte, em parte, nos modelos sociais, enquanto o superego está ligado à posição edipiana do sujeito, ele é o herdeiro do complexo de Édipo.

Pode haver conflito entre todas essas instâncias quando uma contradição advém nas aspirações do sujeito. Um exemplo clássico de um escolar brilhante que fracassa de repente em seus estudos porque se proíbe, ultrapassar um pai que jamais havia sido bem-sucedido. Trata-se de um conflito entre o superego e o ideal do ego. O superego com seu peso de culpabilidade e de interdito, barra o acesso a toda realização do ideal do ego, ideal que o sujeito encontra, nesse caso, em meio à competitividade com seus pares, desejo de saber, sucesso social à vista.

O ideal do ego tem por origem a identificação com um traço; pode ser um valor moral, religioso ou outro. O ego ideal funda-se predominantemente em um modelo humano, exemplos são os adolescentes que falam, vestem-se, comportam-se como seus ídolos ou imitam algum personagem que os subjuga. Esses ideais mudam de acordo com a época ou idade das crianças. (FREUD, 1976)

De maneira sintética, Piaget, psicólogo suíço e estudioso dos princípios da construção do conhecimento, interessou-se também por filosofia, nas

disciplinas de lógica e, sobretudo, epistemologia. Teve maior contato com as obras de Kant, Bérqson e Husserl, posicionando-se mais explicitamente no interior do estruturalismo.

A apropriação que Piaget fez das obras destes filósofos foi marcada por um espírito crítico direcionado a investigar a epistemologia, baseando uma interlocução com a Biologia. Tal percurso permitiu-lhe uma construção consistente e profunda que denominou epistemologia genética. (CHIAROTTINO, 2005)

Piaget começou a acompanhar crianças, mediante observações sistemáticas, interessado em saber como se processava o conhecimento (a construção da inteligência), desde o nascimento de uma criança. Nesse sentido, ele utilizou um método clínico e não experimental, rompendo com uma tradição que sustentava as pesquisas psicológicas de então. (PIAGET, 1960)

A epistemologia genética investiga as “idéias” (os conceitos) ou como o ser humano desenvolve sua cognição, como elabora o conhecimento, construindo a inteligência nesse processo. A inteligência para Piaget é adaptação e seu desenvolvimento está voltado para o equilíbrio. A construção da inteligência pode ser esquematizada como uma espiral crescente voltada para a equilibração resultante da combinação dos processos de assimilação e acomodação.

Através da assimilação, a criança procura fazer com que uma nova situação, ou novos objetos apresentados (a serem conhecidos) se torne familiares de modo a serem incorporados a seu organismo e ela possa utilizá-los para sua adaptação ao mundo. A acomodação é a combinação de esquemas para resolver problemas que venham de experiências novas dentro do ambiente.

Piaget distinguiu quatro períodos principais em que ocorre a evolução do pensamento, apresentando marcantes variações qualitativas: o sensório-motor (do nascimento aos 2 anos), o pré-operacional (2 a 7 anos), operações concretas (7 a 12 anos) e operações formais, período de adolescência (dos 12 anos em diante).

Cada período define um momento do desenvolvimento como um todo, ao longo do qual a criança constrói determinadas estruturas cognitivas. Um novo estágio se diferencia dos precedentes pelas evidências no comportamento de que a criança dispõe de novos esquemas, contendo propriedades funcionais diferentes daquelas observadas nos esquemas anteriores.

A ordem de seqüência em que as crianças atravessam essas etapas é sempre a mesma, variando apenas o ritmo com que cada uma adquire as novas habilidades.

O primeiro estágio denomina-se *sensório-motor* – do nascimento a 1 ano/ 2, em média, no curso do qual se constituem os sistemas de esquemas que prefiguram as futuras operações. O bebê ainda não apresenta pensamento nem afetividade ligados a representações que permitam evocar pessoas ou objetos na ausência deles.

Ao longo dos primeiros dois anos de vida, a criança diferencia o que é dela do que é do mundo, adquire noção de causalidade, espaço e tempo, interage com o meio demonstrando uma inteligência fundamentalmente prática, caracterizada por uma intencionalidade e uma certa plasticidade.

O segundo estágio do desenvolvimento cognitivo é o *pré-operatório* - período do pensamento intuitivo – de 2 aos 7 anos, em média - e seu principal progresso em relação ao seu antecedente é o desenvolvimento da capacidade instalada em suas diferentes formas: a linguagem, o jogo simbólico, a interação postergada, etc.. Ao longo dos primeiros dois anos de vida, a criança diferencia o que é dela do que é do mundo, adquire noção de causalidade, espaço e tempo, interage com o meio demonstrando uma inteligência fundamentalmente prática, caracterizada por uma intencionalidade e uma certa plasticidade.

A criança vê o mundo a partir de sua própria perspectiva e não imagina que haja outros pontos de vista possíveis. Conduta egocêntrica ou autocentrada.

O período das *operações concretas* – de 7 a 12 anos, em média – no curso do qual se alcança uma determinada reversibilidade na formação das primeiras estruturas operatórias e que comporta um aspecto implicativo. A tendência para a socialização da forma de pensar o mundo acentua-se ainda mais neste período evoluindo de uma configuração individualizada (egocêntrica) para outra mais socializada, onde as regras ou leis de raciocínio são usadas em comum, por todas as pessoas. Com o desenvolvimento da capacidade para pensar de maneira lógica – característica deste período – a criança não apenas busca compreender o conteúdo do pensamento alheio, mas também se empenha em transmitir seu próprio pensamento de modo que sua argumentação seja aceita pelas outras pessoas.

O raciocínio transdutivo, típico desse estágio anterior, vai sendo substituído por outro mais adaptativo, isto é, pelo raciocínio indutivo. Apreendendo o real das partes para o todo, a criança manipula operações lógicas elementares que implicam sempre a possibilidade de reconstituição do caminho percorrido pelo pensamento, ou seja, implicam operações de reversibilidade. Ainda encontramos nesse período: o abandono do pensamento fantasioso; o conseqüente aparecimento da necessidade de comprovação empírica das elaborações mentais (diminuição das atitudes egocêntricas).

O estágio *operatório-formal* apresenta como característica a distinção entre o real e o possível. A criança se relaciona com o mundo construindo sistemas operatórios através do seu contato direto com os objetos e situações de realidade. O adolescente se relaciona com o mundo, buscando fazer generalizações amplas, construindo teorias; não mais em presença de objetos concretos, mas a partir de princípios abstratos a que chegou decorrente de sua experiência concreta.

Piaget mostra que a base das operações lógicas é a ação sensório-motora. (COSTA, 2002; CHIAROTTINO, 2005)

Alguns pressupostos de Freud e Piaget, brevemente comentados aqui, nos permite compreender que a personalidade de uma pessoa se forma a partir da interação entre influências maturacionais e ambientais, bem como de experiências pessoais, e que o desenvolvimento é caracterizado pela continuidade e descontinuidade. A progressão procede de vários caminhos, cada um tendo um padrão típico de estágios seqüenciais e sobrepostos, já que o desenvolvimento é contínuo.

Cada estágio tem uma organização única com algumas características dominantes que não podem ser prognosticadas a partir de estágios anteriores, já que ele é descontínuo. A emergência destas características, e não a idade da pessoa, é o critério para a progressão do desenvolvimento – isto significa que cada criança progride no seu próprio ritmo.

Considerados alguns aspectos da criança em fase escolar, apresentamos, a seguir, a relação entre família e escola.

Muito se fala sobre essa complexa relação, mas ainda estamos longe de sanar as dificuldades que encontramos ao confrontar família, escola e professores.

O vínculo entre a instituição escolar e a família baseia-se no compartilhamento do trabalho de educação dos filhos, sejam eles, crianças ou jovens, contendo reciprocidade nas expectativas. Quando se aborda o que é desejável na relação escola-família e solicita-se a participação dos pais na educação, sobretudo pelas tarefas escolares como um estratagema de êxito escolar, é preciso levar em consideração alguns fatores, tais como: as transformações históricas e a discrepância cultural nos moldes educacionais e na concepção social; o relacionamento de poder entre estas instituições e seus agentes; as novas e variadas constituições familiares e os prejuízos materiais e culturais da maioria das famílias; as relações de gênero que organizam as tarefas domésticas e escolares.

## **CAPÍTULO 2 - A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA**

Analisar a família e o relacionamento entre seus membros é uma atividade complexa, que requer uma minuciosa observação, uma vez que a rede familiar está inserida num contexto sócio-histórico e sofre influências de problemas oriundos do ambiente externo, que influem direta ou indiretamente na rotina da família e transparecem na relação com os filhos, podendo assim aliviar tensões ou ampliá-las. (WEIL, 2001)

A relação entre família e escola é atualmente uma das questões mais discutidas, pois a grande dúvida é saber os limites entre os deveres da família e os da escola. Como se sabe, não é a escola e sim a família que proporciona as primeiras experiências educacionais à criança.

A família é o primeiro grupo destinado essencialmente ao cuidado da vida, pois é nesse grupo que os relacionamentos entre pais e filhos permitirá ou não uma boa formação de identidade e auto-estima. Os pais também fornecem aos seus filhos bases psicológicas e é no lar que as pautas culturais e sociais são aprendidas, por isso a tarefa da família (pais) é de vigiar o comportamento, reações a fim de acompanhar o desenvolvimento e fazer as devidas correções necessárias e se necessário, procurar ajuda de especialistas.

Devido às mudanças na família e a participação das mulheres no mercado de trabalho, a criação dos filhos ficou cada vez mais aos cuidados de instituições extrafamiliares como: berçários, creches e escolas. Com essas modificações, espera-se que a escola assuma, além da função de desenvolver o potencial da aprendizagem, também a função de educar valores. Às expectativas dos pais ao procurarem uma escola passou a ser mais exigente sendo que os mesmos buscam encontrar uma escola que corresponda a suas ideologias e valores. Isso nos leva a refletir que, a grande maioria dos pais pode encontrar-se

com ansiedade em assegurar aos filhos uma boa posição na vida e ingresso nas universidades para obter bom êxito profissional e financeiro.

De acordo com Outeiral e Cerezer (2003), a escola e a educação estão sem definição de como conciliar suas necessidades de uma sociedade em mudança permanente (com contestação, transformações e mudanças de paradigmas e valores) a uma proposta educacional que prepare o homem do futuro

A realidade é que a maioria dos educadores atribui aos pais a origem dos problemas e acusam como fator às mudanças na família. Assim entre escola e família ocorre uma confusão de papéis, cobranças para ambas instituições. O que parece ocorrer uma incapacidade de compreensão por parte dos pais a respeito daquilo que é transmitido pela escola e por outro, uma falta de habilidade dos professores em promover comunicação.

Martins (2005), acrescenta que os docentes enfrentam dificuldades de ensinar a aprender, isto é, desconhecem muitas vezes, como os alunos podem aprender os processos que devem realizar para que seus alunos adquiram, desenvolvam e processem as informações ensinadas e aprendidas em sala de aula.

É necessário enfatizar que a escola é constituída por “pessoas” e que possuem sentimentos, frustrações, realizações, ou seja, a vida particular além da profissional e que essas “pessoas” se comportam melhor ou pior em determinadas situações, refletindo assim, na escola. Diante disso, os pais devem estar sempre atentos e informados dos acontecimentos ocorridos com seus filhos na escola.

A responsabilidade de educar não pode ser só atribuída à família ou a escola, pois se a família atua de forma profunda e durante mais tempo, a escola oferece condições especiais para influir sobre o educando, pela formação especializada de seus elementos.

A família e a escola são parceiras em relação à educação dos filhos; pois nenhuma das duas pode substituir totalmente a outra, tornando-se assim necessário o bom relacionamento entre ambas, contribuindo cada uma com a sua experiência e respeitando as exigências de cada uma para que se possa evitar que o educando sofra as conseqüências.

É importante que a família desempenhe papel-chave nas instruções ou transmissão de valores da cultura para a criança. É através da participação

efetiva nos eventos diários da família que se espera que a criança aprenda a valorizar a propriedade, a lei e a ordem, a respeitar os direitos e sentimentos alheios.

As expectativas são as de que a escola dê continuidade à educação, pois esta realiza melhor função quando pode ampliar e aprofundar a educação já iniciada pela família.

Como dizem Montandon e Perrenoud (1987), “ de uma maneira ou de outra, onipresente ou direta, agradável ou ameaçadora, a escola faz parte da vida cotidiana de cada família”.

A relação família – escola é a mais conflitante, porque apesar de ambas terem como objetivo central a educação de uma criança, os papéis de cada uma devem ser diferenciados durante este processo. A família, de maneira generalizada, delega algumas obrigações da educação do filho à escola e ao professor, eximindo-se do seu papel fundamental de parceira da instituição de ensino na educação da criança. Os professores, frente a essa nova obrigação, se vêm forçados a responder pelo comportamento positivo ou negativo do aluno, além de se preocupar com o programa curricular, provas, exercícios etc. (CECON et al. 2001)

Infelizmente, alguns pais não se conscientizam da importância do apoio deles junto à instituição escolar do filho e não conseguem ver que a escola possui outros objetivos a serem desenvolvidos em seus filhos. Isso não quer dizer que a escola não deva se preocupar com o desenvolvimento afetivo e as relações de vínculo desenvolvidas pelos alunos, mas de forma diferente da família a escola utiliza critérios específicos para avaliar o desempenho, a maturidade e desenvolvimento desta criança.

São essas peculiaridades que os pais não conseguem internalizar. Ao deixar seus filhos na escola, os pais passam toda a responsabilidade de educação desta criança aos educadores e à instituição e caso o filho apresente um comportamento “inadequado”, os pais culparão a escola, os professores, os colegas, mas nunca colocarão a culpa em si mesmos ou assumirão o fato de contribuir para algumas atitudes do filho.

A escola, por sua vez, também procura subterfúgios para “escapar” da culpa pelos possíveis fracassos escolares de seus alunos, entre as desculpas mais freqüentes está a de culpar os pais pela falta de tempo no convívio com os

filhos. Fato que acaba gerando alunos com problemas de aprendizagem, relacionamento etc.

Observa-se, que o fundamental para a escola, professores e pais é descobrir algo concreto para ser apontado como causador desses problemas de aprendizagem, que prejudicam as crianças e aos adolescentes.

#### Segundo Parolin:

tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem as suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo (PAROLIN,2003, p.99).

O que podemos observar é que a escola e a família, cada qual com seus valores e objetivos específicos na educação de uma criança, constituem um organismo intrínseco, onde quanto mais diferentes são, mais necessitam uma da outra. Dessa forma, cabe a toda sociedade, não só aos setores ligados à educação, transformar através de pequenas ações o cotidiano da escola e da família, para que esta compreenda a importância dos objetivos traçados pela escola, assim como o seu lugar de co-responsável neste processo.

É fundamental e urgente essa transformação, para que não só os alunos, mas a família e a própria instituição possam estabelecer um elo de cooperação entre si. Entretanto, esta cooperação só será efetiva, caso os pais compreendam que a escola não deve exercer a função moral da família. Seria necessário, então, que a escola promovesse projetos de conscientização junto às famílias de seus alunos, salientando a importância do dever de cada um no desenvolvimento da criança e que embora essa parceria escola - família seja essencial, cada um desses setores deve conservar suas particularidades.

Uma vez que todos os setores da educação estejam conscientes de seus papéis, a escola poderá contribuir melhor para o aprimoramento da capacidade cognitiva e afetiva da criança, contando com a ajuda da família.

Esta também poderá contar com o apoio da escola, a fim de melhorar o relacionamento com os filhos. Desta forma a criança sentir-se-á capaz e protegida para aprender. (SCOZ, 2000)

No artigo intitulado *A importância da parceria entre a escola e a família no ensino fundamental*, Moraes & Kude (2003), apresentam os resultados de uma pesquisa realizada com escolares da 6ª série, mediante observações participantes em sala de aula e entrevistas com dez professoras, doze estudantes e oito mães. Através das observações e entrevistas foi possível perceber dois grupos distintos na sala de aula: o grupo de alunos e alunas que apresentam bom desempenho e o grupo dos que apresentam fraco desempenho escolar. Os dados foram submetidos a uma análise de conteúdo sob três eixos temáticos: (a) professoras; (b) alunas e alunos; (c) mães.

Destacaram alguns pontos interessantes da pesquisa: a forma com que as professoras conceituavam as alunas e alunos com bom e fraco desempenho, que demonstram como as prioridades na avaliação estão se modificando, pois em todos os depoimentos, as professoras mostraram toda sua compreensão e afetividade em relação aos estudantes.

O perfil de um aluno com bom desempenho escolar, ou aluna, pois em geral a maioria das professoras refere-se às meninas como representantes deste grupo, é aquele que tem: “mais facilidade de aprendizagem.” “...é o aluno que consegue seguir em frente no conteúdo, aquele que tem um bom entendimento e tem uma base para poder avançar”. “Elas são interessadas, são motivadas e quando não entendem perguntam. Procuram fazer os exercícios, procuram ajudar os colegas.” “Elas mantêm um bom nível de atenção em sala de aula durante as aulas. Eu acredito que essas crianças mantêm essa qualidade em sala de aula devido à motivação que vem de casa”.

A partir dessa vivência de pesquisa, pode-se perceber que no ambiente escolar existem dois tipos de famílias: aquelas que demonstram interesse pela vida escolar de seus filhos e filhas, integrando-se ao processo educacional e participando ativamente das atividades da escola, sempre que possível, e aquelas que consideram que sua participação é dispensável ou inadequada e preferem simplesmente omitir-se do processo escolar.

As comunicações entre família e escola deveriam ser mais estudadas porque ambas precisam uma da outra. A interação entre família e escola não deveria ser reduzida apenas a reuniões formais e contatos rápidos, mas ocorrer regularmente em momentos de maior intercâmbio nos quais a família pudesse efetivamente participar do cotidiano da escola.

É importante salientar que o fracasso ou o sucesso escolar de cada aluno é influenciado por diversos fatores, sendo o envolvimento da família com a escola apenas um deles, visto que a cultura familiar, as oportunidades vividas por estes alunos e alunas também devem ser assinaladas. As expectativas de pais e mães em relação ao futuro são fatores que podem cooperar ou não para que estas crianças estejam motivadas para um bom desempenho escolar. É provável que uma investigação da história de vida escolar dos pais e mães destes escolares aponte os fatores relacionados com o tipo de relação que esta família desenvolve com a escola e a origem dessas expectativas.

Caetano (2004), explica que a necessidade de se estudar a relação família e escola se sustenta e é reafirmada quando o professor se esforça por considerar o aluno, sem perder de vista o ser total, ou seja, compreendendo que quando se ingressa no sistema escolar, não se deixa de ser filho, irmão, amigo etc.

Segundo Paro (2000), o distanciamento entre escola e família não deveria ser tão grande, pois para ele, a escola não "assimilou quase nada de todo o progresso da psicologia da educação e da didática, utilizando métodos de ensino muito próximos e idênticos aos do senso comum predominantes nas relações familiares". ( p. 16)

A compreensão do seu relato fundamenta-se no fato de que a atual escola dos filhos, é muito semelhante com a escola que os pais cursaram, e por isso, estes não deveriam sentir-se tão distantes do sistema escolar, e também o professor, embora admita a necessidade da participação dos pais na escola, não sabe bem como encaminhá-la.

O que nos permite compreender desta colocação é que existe uma dificuldade de compreensão por parte dos pais, daquilo que é transmitido na escola; por outro lado, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação (p.68).

Nogueira, Romanelli e Zago (2000), relatam um conjunto de pesquisas, cujos resultados, são imprescindíveis aos educadores, na medida que oferecem aspectos para reflexão e análise sobre o funcionamento do sistema escolar, privilegiando o ponto de vista da sua abordagem intrincada com a família, até então, embutida geralmente na comunidade. Tais pesquisas apresentam alguns pontos comuns; entre eles a "ausência de uma tradição de estudos sobre as relações que as famílias mantêm com a escolaridade dos filhos" e o "...relativo

consenso, entre os autores, de que se trata de uma relação complexa e, por vezes, assimétrica, no que diz respeito aos valores e objetivos entre essas duas instituições...”.(p.9)

Nas considerações de Paro (2000), ele declara que, além de contratempos como professores mal formados, a escola tem falhado também e principalmente “porque que não tem dado a devida importância ao que acontece fora e antes dela, com seus alunos.” (p.15)

Apesar dos inúmeros aspectos essenciais na relação família escola, fatores estes como se observa, principalmente de ordem afetiva e moral, nota-se que a tarefa de se construir uma parceria entre escola e família se faz mister, uma vez que a escola não afirma ou talvez jamais tenha sustentado a posição de substituta da família na função educadora, tão pouco, lhe caberá adotar uma conduta de resistência e rivalidade, assentada em uma proximidade unilateral, que venha a sujeitar à família, a partir da desmedida consideração de uma possível ignorância e inaptidão desta última para educar e socializar.

A escola, portanto, também precisa dessa relação de cooperação com a família, pois os professores necessitam compreender as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural experienciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervirem no providenciar de um desenvolvimento nas expressões de sucesso e não de fracasso diagnosticado. Precisam ainda, dessa relação de parceria para poderem também compartilhar com a família os aspectos de conduta do filho: aproveitamento escolar, qualidade na realização das tarefas, relacionamento com professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras.

Muitas são as demandas que se colocam para a escola hoje. Ter por função apenas “transmitir os conhecimentos acumulados pelas gerações passadas” deixou de ser a muito tempo a função da escola, embora haja controvérsias e polêmicas sobre o que, concretamente, essa instituição está fazendo na atualidade, principalmente para com os filhos das classes menos favorecidas da sociedade. Porém, é inegável que as demandas e as exigências da sociedade em relação à escola, aumentaram muito.

O que se deseja, segundo a proposta de Alarcão (2001), muito difundida e aceita hoje, é uma escola reflexiva, que se pensa continuamente a si própria, revendo sua função social e organizativa, buscando proporcionar

ambientes formativos que favoreçam o cultivo de atitudes e capacidades que permitam ao indivíduo viver, conviver e intervir em sociedade, em interação com os outros cidadãos.

Diante dessa multiplicidade de funções, que abrange a formação de um cidadão, capaz de agir e de interagir no mundo em que vive, não apenas com competências cognitivas desenvolvidas, mas, principalmente, com aquisições também afetivas, pessoais e sociais, que lhe possibilitem atitudes e valores positivos para uma transformação social efetiva, que torne o mundo globalizado menos excludente e mais humano, percebe-se que a escola não pode trabalhar sozinha.

É imprescindível que a escola se una a outras instituições sociais como: família, pastoral da criança, Ongs, etc, para cumprir melhor o seu papel. Dentre essas instituições sociais com condições de contribuir efetivamente para que a escola cumpra seu papel, entendemos ser a família a mais abalizada, até mesmo pelas funções formativas que também possui, embora tenhamos que reconhecer que a mesma também passa por profundas transformações na sociedade atual.

Porém, mesmo com todas as transformações pelas quais a família vem passando, ela continua sendo uma instituição fundamental e basilar para o desenvolvimento do ser humano, sendo a primeira que vai referendar a proteção e a socialização do indivíduo, se constituindo como a primeira possibilidade de aprendizagens afetivas e de relações sociais.

Em sua pesquisa intitulada *O diretor de escola como mediador entre a família e a escola*, Torete (2005), apontou como os diretores, pais alunos e professores conduzem suas práticas, e as contingências e as adversidades vigentes no dia a dia das escolas, as quais interferem na relação entre família e escola.

A dificuldade, entretanto, da efetiva construção dessa relação, de uma maneira que proporcione condições de igualdade na relação das duas instituições, isto é, estabelecendo-se uma parceria, onde a participação dos pais seja real, diferente daquela participação, onde enviam uma contribuição mensal, onde colaboram comprando rifas, ou vêm à escola para ouvirem a professora contar das inúmeras dificuldades dos filhos, é um dado presente na maioria das pesquisas: que relatam o paralelismo entre as duas instituições, rompidos por raros e frágeis pontos de intersecção.

Na pesquisa intitulada *Relação escola- família: as contribuições no processo de escolarização sob a perspectiva dos professores*, realizada por Cesário, Gaeta, Reali & Tancredi (2005)<sup>1</sup>, em uma instituição escolar do ensino médio do norte do Paraná, constatou-se que há sinais tênues na construção de uma relação de parceria com elos legítimos que abarquem ambas instituições como uma comunidade interessada e preocupada com o processo de escolarização dos alunos.

Estamos falando de uma relação muito complexa, todavia, ainda estamos longe de sanar as dificuldades que encontramos ao confrontar família, escola e professores. Examinar a família e o relacionamento entre seus membros é algo extremamente complexo, que requer uma análise detalhada, uma vez que a rede familiar está inserida num contexto sócio-histórico e sofre influências de problemas oriundos do ambiente externo, que interferem direta e/ou indiretamente no cotidiano familiar e revelam-se na união com os filhos, podendo assim aliviar tensões ou ampliá-las.

Lisondo (2003), comenta que o professor, além de ser um modelo de identificação, deveria ser uma agente de saúde mental, pois se encontra num lugar privilegiado para observar. Para realizar tal façanha, o professor deve conhecer a si próprio, entrar em contacto com seu mundo emocional para ampliar sua consciência e sua habilidade de percepção psíquica.

A mente do professor e sua estrutura, sua personalidade serão o seu melhor instrumento de trabalho na formação de outras pessoas .

Se ele não atuar como agente de saúde mental, deixará de fazer algo essencial na sua profissão estará se subestimando da formação de seres humanos.

A seguir, abordaremos as questões metodológicas que conduziram a presente pesquisa.

---

<sup>1</sup> Pesquisa apresentada no VIII Congresso Estadual Paulista Sobre Formação de Educadores em Águas de Lindóia (SP) (2005).

## **CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA**

A metodologia que norteou o presente estudo insere-se no Estudo de Caso, método qualitativo. A pesquisa qualitativa é ideal para tratar o tema porque permite a compreensão do fenômeno em seus aspectos subjetivos e particulares e, desse modo, contempla a complexidade desta relação da criança com seus cuidadores e demais participantes da sua educação.

### **3.1. População Amostrada**

Participaram deste estudo, a professora da Primeira Etapa do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino, a Diretora da escola e os pais de 10 crianças, 6 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, situadas na faixa etária de 6 anos, que cursam a Primeira Etapa do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de uma cidade situada ao norte do Paraná.

### **3.2. Local de Realização**

A pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Municipal de uma cidade situada ao norte paranaense, no período letivo de 2004.

#### **3.2.1 Caracterização da Escola**

A escola é situada numa vila próxima ao centro da cidade, promovendo educação do pré-escolar ao ensino fundamental, tendo seu horário de funcionamento no período matutino e vespertino.

A equipe pedagógica da escola é composta por uma diretora, uma orientadora e uma coordenadora.

A classe econômica dos alunos a que prevalece é classe média baixa e baixa. Por ser uma escola de fácil acesso, a população que frequenta a escola é mista. Muitos pais apresentam uma boa situação financeira<sup>2</sup>, enquanto outros se apresentam em situação precária (moradia em casas tipo favelas, falta de alimentação e de material escolar), pois só trabalham quando há corte de cana-de-açúcar – a essência da região.

No geral, a população do município sobrevive do trabalho rural oferecido por uma usina de cana-de-açúcar.

### **3. 3. Procedimentos de Coletas e Análise dos Dados**

A pesquisa obedeceu às seguintes etapas:

1. Seleção da literatura específica sobre o assunto;
2. Solicitação de autorização para o desenvolvimento do trabalho para a Direção escolar (Apêndice A);
3. Elaboração de uma carta – Termo de Livre Consentimento dos pais para o desenvolvimento da pesquisa (Apêndice B);
4. Elaboração de uma carta – Termo de Livre Consentimento da professora (Apêndice C);
5. Elaboração e aplicação de um questionário para os pais (Apêndice D) e para a professora contendo questões objetivas sobre o funcionamento familiar, bem como sobre adaptação da criança à vida escolar (Apêndice E);
6. Análise qualitativa dos dados coletados através dos questionários dos pais e da professora;
7. Realização de entrevistas devolutivas aos pais, à professora e à direção escolar;
8. Elaboração de propostas de ação com a família e a escola, visando o processo ensino – aprendizagem, bem como o fortalecimento da relação entre as duas instituições.

---

<sup>2</sup> “boa” - aqueles pais que têm condições básicas de moradia, alimentação e educação.

Os dados foram analisados qualitativamente segundo um referencial psicanalítico e das contribuições das pesquisas na área da educação.

## CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo demonstraremos os resultados analisados em forma de gráficos e tabelas, obtidos na pesquisa através dos questionários aplicados aos pais dos alunos e à professora.

São apresentadas também, as entrevistas realizadas com a Direção escolar e a professora que atua em sala de aula com as crianças.

Os dados aqui delineados encontram-se de acordo com a ordem de aplicação dos questionários.

### I - DOS QUESTIONÁRIOS COM OS PAIS:-

#### A – Questões específicas/familiares

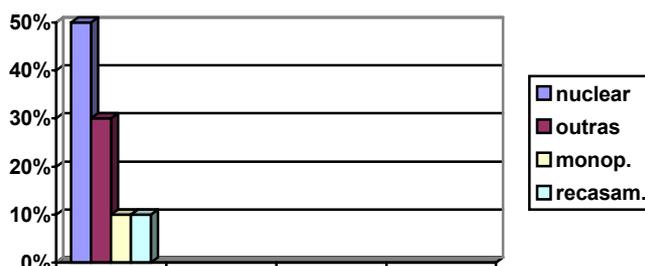


Gráfico 1 – Composição da família

Com relação à composição da família demonstrado no Gráfico 1, encontramos 50% de famílias nucleares (pais e filhos biológicos) e 30% de outras constelações familiares (a mãe casou-se novamente e os filhos, do ex-marido moram junto com os cônjuges); em 10% dos casos, a mãe vive somente com os filhos e 10%, a mãe teve o filho do primeiro casamento e depois se casou

novamente, constituindo nova família tendo mais três filhos desse segundo casamento.

A concepção da família veio se modificando ao longo dos anos dando origem a novos sistemas familiares, essas modificações podem ocasionar nas crianças uma crise na construção de suas identidades e até mesmo da própria história de vida, pois falta referencial familiar. Fica uma situação delicada para essas crianças que acabam tendo que aprender a conviver com a presença de um dos pais, ou com o novo casamento de seus pais que podem vir a ter outros filhos ou trazerem filhos de outros relacionamentos; tudo isso acaba influenciando também na questão educacional. Considerando a família como célula matriz da identidade, Knobel (1992), afirma:

Muitos conflitos neuróticos da infância, da adolescência e dos adultos jovens podem estar ligados a essa patologia dos sistemas familiares, que por outra parte são – em nossa sociedade – coexistentes. Diversos problemas de saúde infanto-juvenil, de relacionamento conjugal, de vida sexual (impotência, frigidez, etc), de desavenças entre os pais e filhos e não poucos tipos de neuroses, condutas agressivas e até violentas, podem ter parte de sua origem nos conflitos dessa modalidade de vida familiar problemática.

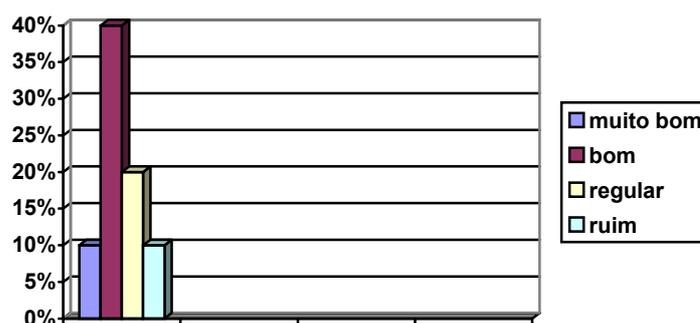


Gráfico 2 – Relacionamento familiar

No Gráfico 2, observamos o nível de relacionamento familiar, e encontramos 10% com um relacionamento considerado *muito bom*, apresentando-se calmo e bem relacional; 40% dos relacionamentos considerado *bom*, apresentando poucas brigas; 20% dos relacionamentos considerados *regular*, apresentando brigas mais frequentes principalmente nos finais de semana; 20%

dos relacionamentos considerados *normais*, não apresentando muitos problemas e discussões e 10% dos relacionamentos considerados *ruins*, sendo relações familiares com muitas brigas.

A base da família corresponde a um relacionamento saudável entre os membros, ou seja, com carinho, respeito, responsabilidades, dedicação e amor. Para se alcançar essa “base familiar” é necessário que os pais tenham uma estrutura psíquica para que não aja desarranjos “graves” no ambiente familiar.

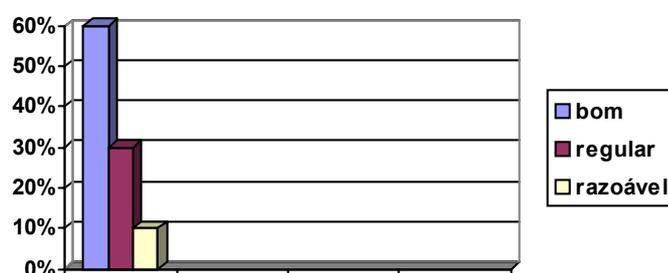


Gráfico 3 - Relação da criança com os pais

No Gráfico 3, está demonstrado o relacionamento da criança com os pais, onde 60% dos casos foram considerados como *bons*, com crianças que respeitam e obedecem a seus pais; 30% avaliados como *regular*, com crianças teimosas, irritadas e que quase não obedecem e 10% considerado *razoável*, com crianças que se apresentam calmas, mas que preferem brincar e quase não falam.

A relação dos pais com a criança têm um papel muito importante no desenvolvimento psíquico; os pais são modelos e referencial para os filhos e é através de seus exemplos que a criança irá assumir determinado comportamento diante de certas situações.

Duarte (1999) diz:

É na relação com os familiares, em especial pai e mãe, que a criança estabelece suas primeiras relações com o conhecimento e vai organizando um jeito próprio de aprender, de elaborar o aprendido e dar um significado aquilo que aprende.

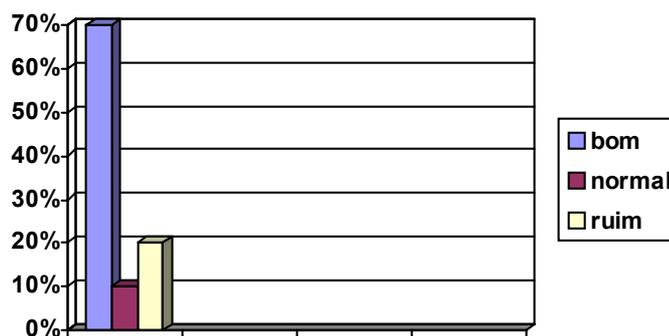


Gráfico 4 – Relacionamento da criança com a professora

Quanto ao relacionamento da criança com a professora e colegas, o Gráfico 4 mostra 70% dos relacionamentos considerados *bons*, apresentando poucas brigas e boa interação entre eles; 10% dos relacionamentos considerados *normais*, apresentando algumas discussões mas brincam muito e 20% dos relacionamentos considerados *ruins*, apresentando muitas brigas, poucas amizades e agressividade.

O professor atualmente se depara com muitas situações diversificadas no ambiente da sala de aula, muitas vezes, além de ensinar a ler e a escrever, assume também uma função “materna”, onde se faz necessário dar uma pausa na matéria para ouvir, aconselhar e acarinhar seu aluno. Essa relação professor x aluno, tornou se uma importadora de valores, incentivo, confiança e contribuinte para a auto-estima.

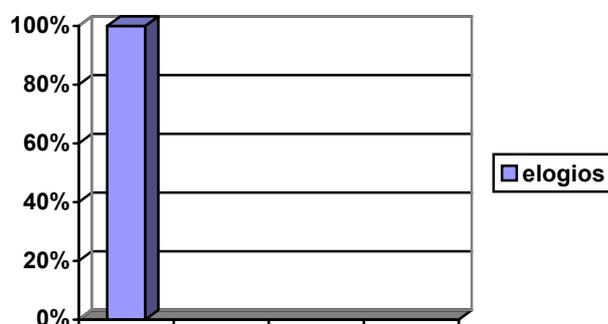


Gráfico 5 – Elogios à criança por parte dos pais

Encontramos 100% dos casos, em que os pais *elogiam* as crianças em relação à: realização das atividades escolares, execução de desenhos, cumprimento de tarefas domésticas e quando fazem o que os pais solicitam, de acordo com os dados demonstrados no Gráfico 5 acima.

Para a criança, a atenção e elogios por parte dos pais e/ou cuidadores sempre foram considerados algo positivos e promotores da elevada auto-estima das crianças. Tornam-se motivadas para estudar e realizar suas tarefas escolares.

Na literatura psicanalítica, encontramos estudiosos do psiquismo infantil que afirmam que a base estrutural da formação egóica da criança, desde o seu nascimento, encontra-se nesta relação saudável com seus progenitores, os quais valorizam tudo o que a criança produz, dentro de suas possibilidades.

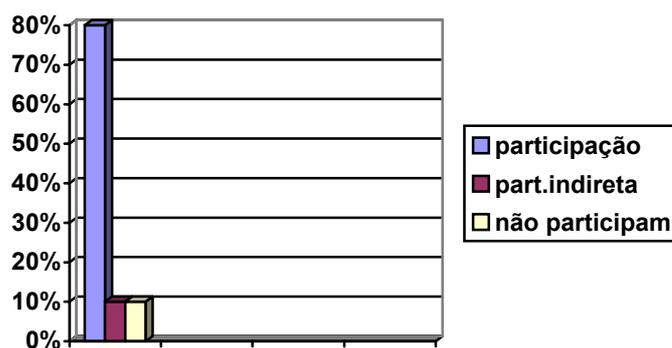


Gráfico 6 – Participação dos pais na escolarização dos filhos

No que diz respeito à participação dos pais no processo de escolarização das crianças, cerca de 80% dos pais alega participar desta fase de vida, ajudando-as na realização dos deveres de casa, olhando o material escolar e incentivando-os para um futuro melhor. Encontramos também 10% dos pais que não tiveram estudos e por isso pedem que seus filhos mais velhos ajudem na realização das tarefas escolares dos menores e 10% dos pais que dizem não ter tempo para ajudar seus filhos, pois trabalham o dia todo.

A função dos pais vai além de oferecer alimentação, educação e saúde, ela exige uma dedicação, um acompanhamento, prazer em cuidar de seu filho e não uma obrigação; necessita de atos de amor.

Papalia (1998) nos ensina que “assim, todo pai que desempenha um papel importante na vida diária de seu filho, exercerá uma influencia importante e imensurável.

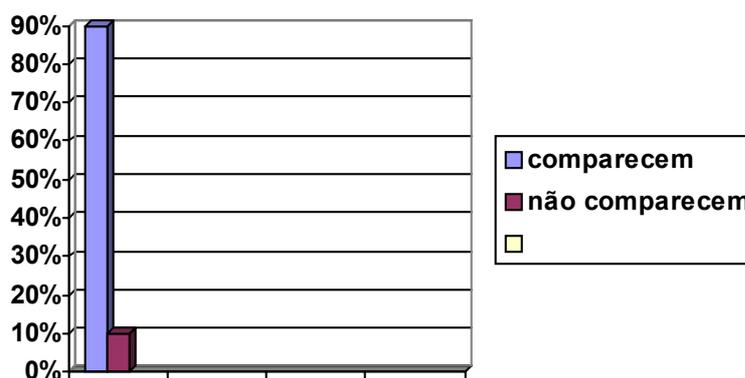


Gráfico 7 – Comparecimento dos pais às reuniões

Em relação ao comparecimento dos pais às reuniões e atividades escolares, 90% dos pais disseram que participam e comparecem às reuniões e atividades escolares de seus filhos e 10% não participam devido o companheiro (padrasto da criança) ter ciúme da mãe.

## **B – QUESTÕES QUANTO À VIDA ESCOLAR**

### **1- A criança apresentou boa adaptação e socialização no ambiente escolar?**

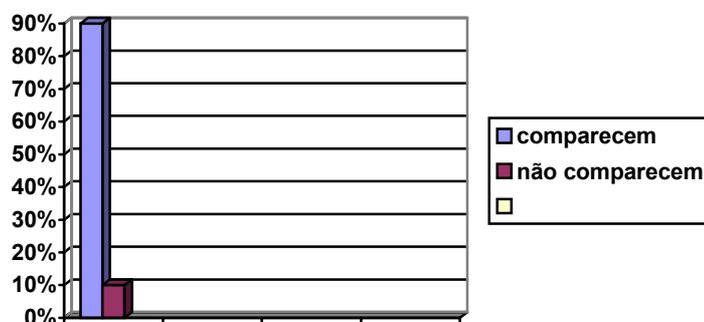


Gráfico 8 – Adaptação e socialização da criança na escola

Conforme aponta o Gráfico 8, cerca de 80% das crianças mostraram boa adaptação e socialização no ambiente escolar e 20% das crianças apresentaram dificuldades, pois brigavam muito com os colegas e diziam que os mesmos eram sujos e desarrumados.

### **2- A criança apresenta comportamento satisfatório em sala de aula?**

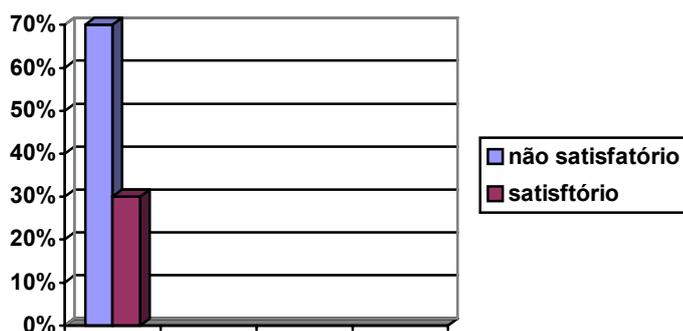


Gráfico 9 – Comportamento da criança na escola

Quanto ao comportamento do aluno em sala de aula, de acordo com o Gráfico 9, 70% das crianças apresentaram comportamentos *não* satisfatórios como: não conseguem acompanhar os colegas de classe, apesar de copiarem não conseguem ler, há crianças muito agitadas e agressivas, outras muito tímidas e

desinteressadas; 30% das crianças apresentando comportamento satisfatório em sala de aula acompanhando a turma, participando das atividades propostas e se desenvolvendo bem.

### 3- A criança apresenta alguma dificuldade escolar?

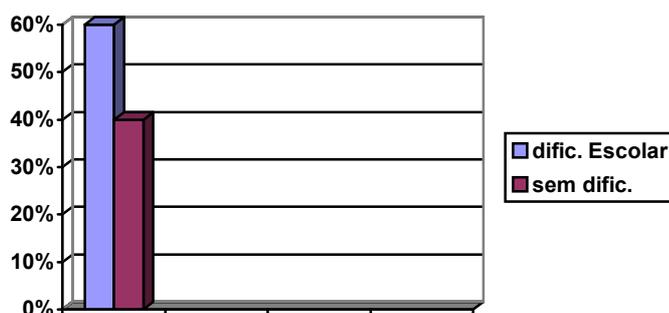


Gráfico 10 - Representação das dificuldades escolares

O Gráfico 10 mostra cerca de 60% das crianças apresentando algumas dificuldades (escolares), tais como: não fazem associação das letras, outros têm déficit de atenção, lentidão, dificuldade de escrita e leitura e infantilidade (só pensam em brincar); 40% das crianças não apresentam nenhum tipo de dificuldade escolar.

Podemos observar que as crianças não apresentam dificuldades escolares e sim, problemas de desenvolvimento infantil. Analisemos segundo Piaget.

A teoria Piagetiana do desenvolvimento cognitivo é uma teoria de etapas que pressupõe que os seres humanos passam por uma série de mudanças ordenadas e previsíveis. Por volta de um ano e meio a criança atinge o segundo estágio, chamado de inteligência simbólica ou pré-operatória, quando aparece a função simbólica. A inteligência que se desenvolveu no plano sensório - motor atinge o plano da representação e imaginação, da ação fisicamente não visível. A criança aprende a falar, imaginar, fazer jogos simbólicos e assim por diante. Este estágio permanece até a idade aproximada de 8 anos.

Os estágios possuem um caráter interativo. O conteúdo do conhecimento de um dado nível é constituído pelas formas refletidas do nível anterior, assim as estruturas sensório-motoras são parte integrante das estruturas

pré-operatórias, e estas das operatórias que, por sua vez integra-se nas operações formais.

Em cada estágio ocorre um patamar de equilíbrio e os estágios constituem um processo de equilibrações sucessivas. A seqüência dos estágios é fixa para cada indivíduo, mas pode ocorrer em idades diferentes. Admite-se hoje que nem todos os sujeitos atingem os estágios mais avançados propostos por Piaget. (PIAGET, 1967, CHIAROTINO, 2005))

#### 4 – Como você vê seu filho

**Tabela 1 – Percepção dos pais sobre os filhos**

<b>Crianças</b>	<b>Verbalização dos Pais</b>
<b>1.</b>	“Personalidade forte – ajuda em casa – não obedece à mãe e sim ao pai”
<b>2.</b>	“É uma criança quieta - calma - obediente e inteligente”
<b>3.</b>	“É esperto – me respeita e gosta de ir à roça com o pai”
<b>4.</b>	“É bagunceiro – agitado – mas é uma criança boa que eu considero normal”.
<b>5.</b>	“É muito infantilizada – estraga todo o material – tudo tem que ser do jeito dela e não obedece”.
<b>6.</b>	“É uma menina boa – cuida da casa – gosta de brincar, mas quase não conversa”
<b>7.</b>	“É uma criança bagunceira – brava, mas quando conversa com ele, obedece e escuta”
<b>8.</b>	“É irritada e às vezes rasga o caderno – tem uma personalidade forte”
<b>9.</b>	“É um bom menino – obediente e gosta muito de brincar”
<b>10.</b>	“É uma criança que não dá trabalho, mas só quer brincar de boneca”

Como podem notar, 4 crianças foram avaliadas como sendo “boas”, “quietas”, “obedientes”, etc, caracterizando-as como pessoas que conseguem administrar o que lhes foi ensinado em casa, enquanto que as demais, os pais mostram dificuldade no manejo das mesmas devido à falta de limites.

Espera-se que crianças nesta faixa etária sejam capazes de, até certo ponto, controlar sentimento intensos e canalizá-los para explorações mais ordenadas e racionais;podem usar suas mentes para descobrir o mundo à sua volta. ( STINER, 1993)

## II – DO QUESTIONÁRIO COM A PROFESSORA

A professora atua na escola há 15 anos e está ministrando aulas na primeira etapa do ensino fundamental há 3 anos. Está concluindo o curso de Pedagogia este ano.

### 1 – A escola foi apresentada à criança?

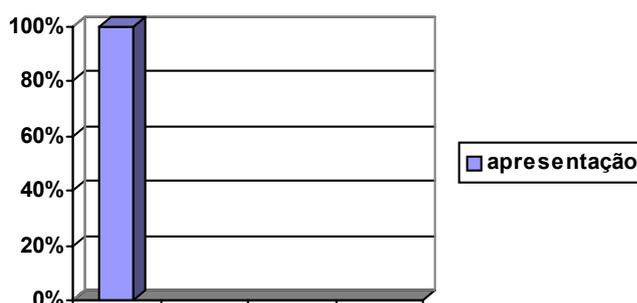


Gráfico 11 – Apresentação da escola à criança

Segundo o Gráfico 11, 100% das crianças foram apresentadas à escola no primeiro dia de aula.

O fato de a criança conhecer a escola onde passará boa parte do dia, lhe traz segurança e confiança, pois será um ambiente já conhecido e apresentado pelos pais e professora.

### 2- A criança se adaptou facilmente ao novo ambiente escolar?

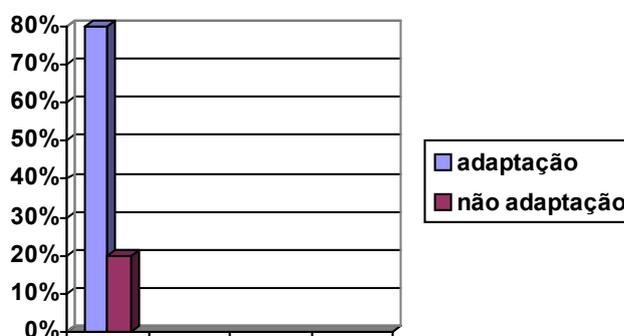


Gráfico 12 - Adaptação da criança à escola

Com relação à adaptação das crianças, conforme demonstra o Gráfico 12 acima, 80% das crianças se ajustaram com naturalidade e 20% delas apresentaram certas dificuldades, tais como: como não querer ficar na sala de aula e sim no pátio brincando, enquanto que outras mostraram certa agressividade com os colegas de sala.

Muitas crianças nesta faixa etária – 6 anos – podem temer e/ou ficar ameaçados com a presença de outras crianças, se não foram bem preparados e socializados na fase ideal para este comportamento.

Crianças agressivas podem estar solicitando ajuda para adaptar-se e vincular-se aos colegas e à escola, bem como, pode tratar-se de crianças que pertencem a uma dinâmica familiar disfuncional.

Para Soifer (1992, p.261), a impulsão é desencadeada por causa das angústias confusionais que são uma mescla da ansiedade de perda e da ansiedade paranóide, originadas dos sentimentos de impotência, raiva, inveja e ciúme frente à situações carências, nas quais a criança não pode resolver o problema que a aflige

### **3- A criança necessitou de um tempo sendo acompanhada por alguém da família?**

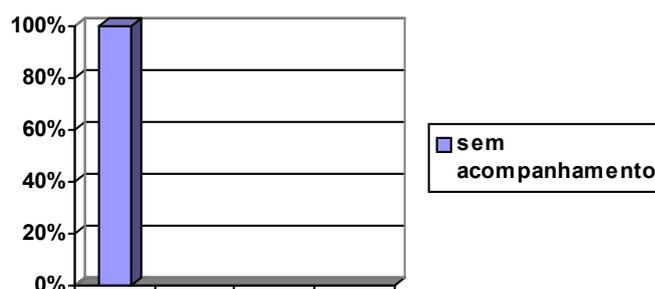


Gráfico 13 – Quanto ao ser acompanhada à escola

100% das crianças não necessitaram ser acompanhadas por alguém da família devido à maioria dessas crianças já ter passado por creches ou escolinhas, fato este que tornaria a escola já conhecida e menos ameaçadora.

O Gráfico 11 acima mostra que todas as crianças conheceram a escola antes de seu ingresso na mesma.

Por ser uma escola de porte médio em uma cidade do interior do Estado, a instituição é de fácil acesso às crianças. Embora sejam levadas pelos pais e/ou irmãos mais velhos, estes não precisam ficar à espera ou adentrar à escola para dar um suporte aos filhos mais ansiosos.

#### 4- A criança fez e / ou faz amizades com facilidade?

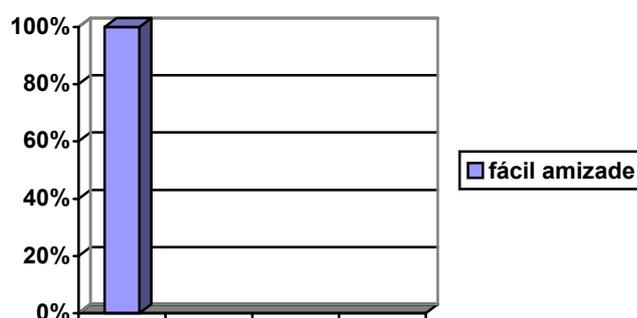


Gráfico 14 – Quanto ao nível de amizade da criança

100% das crianças fizeram amizades facilmente de forma tranqüila e natural.

Espera-se que crianças em fase escolar inicial façam vínculos com os demais colegas.

Mas, como observamos no Gráfico 12, 20% dos alunos tiveram dificuldades de adaptação à escola, podendo significar que o nível de formação vincular pudesse ficar comprometido. Neste caso, não aconteceu.

## 5- A criança apresentou- se tímida e retraída em sala de aula?

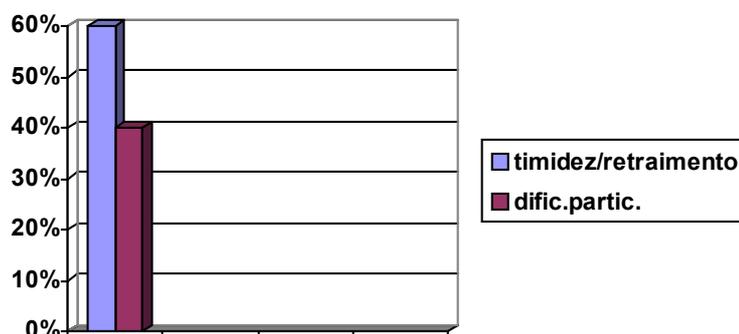


Gráfico 15 – Comportamento de timidez e retraimento da criança

Aproximadamente 60% das crianças, segundo o Gráfico 15, não se mostraram tímidas nem retraídas e 40% além, da timidez e do retraimento, apresentaram dificuldades para participar e falar sobre suas vidas e de se expor.

É possível e natural que algumas crianças, mesmo demonstrando aparentemente estar adaptadas à escola e terem feito amizades facilmente, sintam-se constrangidas em falar sobre si para os demais colegas. Este processo leva algum tempo, até as crianças poderem ter, certeza de que são amigos para confiar seus segredos uns aos outros.

Segundo Soifer (1992, p. 346), “pode-se que dizer eu depende das possibilidades que a criança tem de realizar seu aprendizado de convivência pessoal ,poder elaborar e atenuar seu medo a estranhos e sua vergonha.”

## **B - QUANTO AO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

### **1 - A criança participa das atividades propostas?**

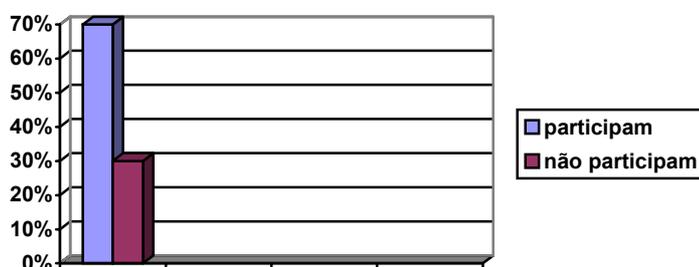


Gráfico 16 – Participação da criança em atividades propostas

Quanto à participação das crianças nas atividades propostas encontramos 70% de crianças que participam e 30% de crianças que apresentam dificuldades de se envolverem nas atividades; diante dessas resistências das crianças, a professora procura atendê-los e incentivá-los individualmente.

Algumas crianças podem apresentar certos temores frente a determinadas tarefas solicitadas pela professora, por timidez e insegurança. Caberá à professora observar tais condutas e auxiliá-los na superação destas.

### **2- A criança apresenta um bom nível de atenção e concentração?**

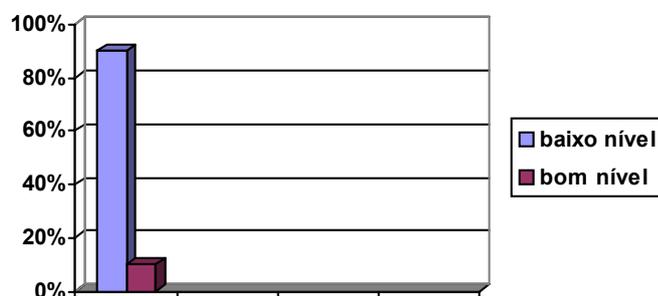


Gráfico 17 – Nível de atenção e concentração das crianças

Em relação ao nível de atenção e concentração 90% das crianças apresentam problemas como: distração, muita conversa, desatenção,

agressividade, lentidão e imaturidade; sendo que 10% das crianças apresentam um bom nível de concentração e atenção.

Retomamos nossa apresentação acima, quando abordamos os estágios de Piaget. São problemas do desenvolvimento infantil, provavelmente caracterizados por falhas no processo de maturação neurológica; infantilidade e necessidade de a professora tornar seu trabalho mais motivador e atraente para estas crianças.

### 3- Como é o relacionamento da criança com os professores e colegas?

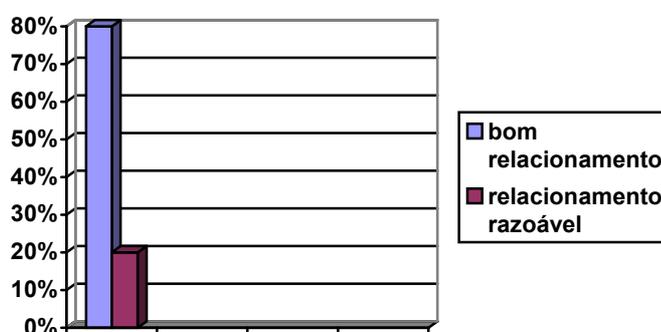


Gráfico 18 – Nível de relacionamento da criança com professora e colegas

O relacionamento da criança com a professora e colegas foi considerado 80% como bom, com respeito, obediência, carinho e aceitação de limites; 20% encontram-se com dificuldade de relacionamento por não aceitar limites e querer fazer sempre o que querem.

Neste caso, trata-se de crianças que em seu ambiente familiar, os pais têm muita dificuldade de colocar limites.

Soifer (1992,p. 201), coloca que a perda de limites na conduta, é ocasional, oriunda de uma situação de intensa angústia e impotência frente a diversas circunstâncias.. Em termos gerais, ela ocorre nos momentos passageiros de desorganização egóica que têm relação com a dualidade organização-desorganização inerente aos processos de formação egóica.

## C - QUANTO A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS

### 1- 1- Os pais têm demonstrado interesse no processo de aprendizagem da criança?

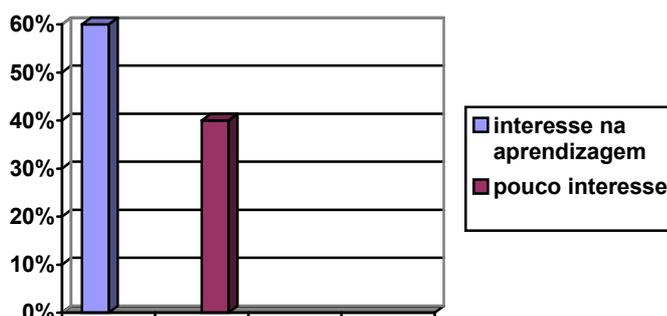


Gráfico 19 – Interesse dos pais no processo de aprendizagem da criança

Percebemos, pelo Gráfico 19, que 60% dos pais demonstram interesse no processo de aprendizagem dos filhos sempre buscando acompanhar o desenvolvimento e o comportamento em sala de aula e como anda o processo de aprendizagem; porém, 40% dos pais apresentaram pouco interesse no processo escolar, não olham as tarefas, não cuidam dos filhos e não cobram responsabilidades dos mesmos.

Alguns pais, envolvidos com seus afazeres, se “esquecem” ou não se “importam” com a vida escolar de seus filhos. São pais que não tiveram sua escolaridade completa e, portanto, não percebem a importância disto para seu filho. Podemos observar aqui os chamados “pais ausentes” dos cuidados dos filhos.

## 2 - Qual dos pais tem demonstrado maior interesse no processo de aprendizagem das crianças? O pai ou a mãe?

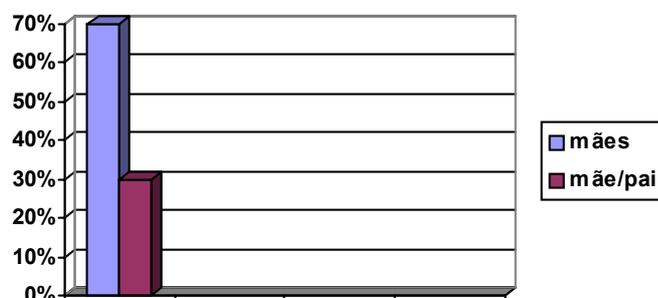


Gráfico 20 – Interesse do pai e/ou mãe no processo de aprendizagem do filho

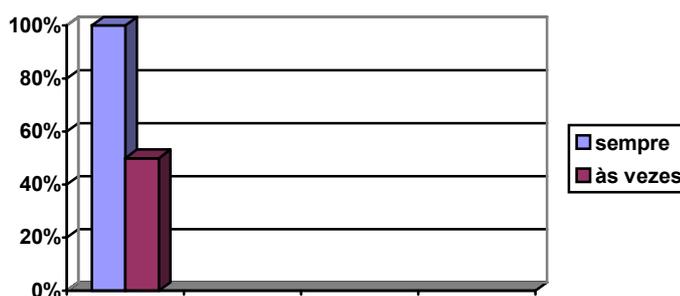
Encontramos 70% de mães das crianças que mostram maior interesse no processo de aprendizagem das crianças e 30% onde ambos (pai e mãe) demonstram interesse no processo de aprendizagem.

E o pai? Não participa desta fase de vida de seu filho?

Winnicott (1989), declara que o pai é a duplicata da mãe, portanto, deve se fazer presente na vida de seu filho.

Moretti (2005. p. 386), em seu artigo *Recomendações aos pais: como tornar agradável a relação com os filhos* explora as mais diversas situações onde o pai pode estar presente na vida de seu filho e tornar saudável a convivência entre ambos, superando sua ausência em função do seu trabalho.

## 3 - Com que freqüência a escola solicita a presença dos pais?



### Gráfico 21 – Freqüência com que a escola solicita a presença dos pais

A escola sempre solicita a presença dos pais nas reuniões bimestrais, nas reuniões da APM (Associação de pais e mestres) e, às vezes, individualmente conforme a necessidade de se falar sobre o aluno.

Atualmente, muito se tem abordado este assunto – a participação dos pais nas atividades escolares, como forma de aproximação e compreensão dos direitos e deveres de ambas as partes. A formação de uma relação mais estreita entre a escola e a família deve proporcionar ajustamento na vida da criança. (TORETE, 2005)

#### 4 - A escola mantém os pais informados sobre a dinâmica de seu funcionamento e os incluem nas decisões além de dar abertura para que os mesmos possam opinar?

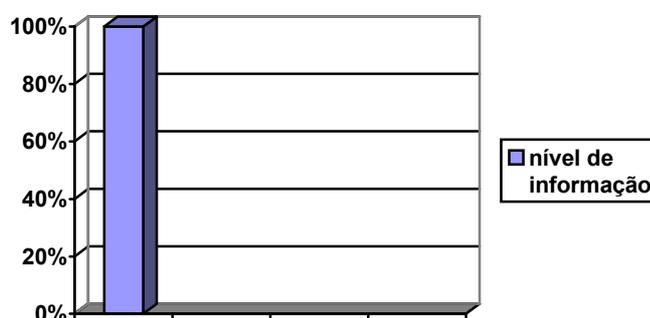


Gráfico 22 – Informações sobre a dinâmica da escola para os pais

A escola mantém os pais informados através das reuniões bimestrais e das reuniões da APM (Associação de pais e mestres), sempre buscando ouvir a opinião dos pais e acatá-las, sempre que possível.

Este é o papel essencial da escola, além de ofertar uma escolaridade ideal aos seus alunos.

Como enunciado no Gráfico 21 acima, e retomado no Gráfico 22, é de suma importância a vinculação entre todos: escola, pais e alunos para que a educação seja realizada de forma salutar.

## D - COMO VOCÊ VÊ SEU ALUNO?

### Percepção da professora sobre seus alunos

Tabela 2 – Percepção da professora sobre seus alunos

<b>Crianças</b>	<b>Verbalizações da Professora</b>
1.	“Em relação a esta criança, é uma frustração muito grande, por não ter o apoio da família no processo de aprendizagem; é uma criança que não tem limites e não consegue se concentrar”.
2.	“É uma criança retraída,mas com capacidade para aprender, apresenta falta de incentivo e os pais não a valorizam”
3.	“Apesar de esforçar-se,o ambiente da sala de aula não lhe causa interesse; tem um pai que é agricultor e é isso que ele quer ser”
4.	“Apresenta dificuldade de concentração, é muito agitado e parece hiperativo”
5.	“É uma criança sem limites, a mãe nada exige da criança, é muito imatura e apesar de ter capacidade, não acredita em si mesma.”
6.	“É uma criança infantilizada, não apresenta motivação para aprender e só quer brincar”.
7.	“Apresenta dificuldade de comportamento, pois os pais são separados e tudo o que a mãe educa como” certo “, o pai permite que a criança faça o que desejar, quando está com ele; não o corrige, nem põe limites”.
8.	“É uma criança que convive muito com adultos e espera muito que os outros façam por ela; apresenta-se lenta na realização das tarefas.”
9.	“É uma criança muito carente e carinhosa, as pessoas que lhe dão atenção, ele fala que quer namorar”
10.	“É uma criança imatura, com problemas de aprendizagem, infantilizado e regredido”.

### DISCUSSÃO DAS TABELAS

Como podemos sublinhar, as percepções da professora em relação à seus alunos bastante compatível à descrita pelos pais.

Ao compararmos ambas as percepções, pode-se observar que os pais apresentam um bom nível de conhecimento sobre seus filhos, mas pode-se notar também que os mesmos, por falta de tempo, problemas pessoais, sentimentos de culpa (devido a ficar pouco tempo com a criança) ou por exigir algo de si próprio,

não se aprofundam na vida de seus filhos preferindo idealiza-los eximindo-se assim, de qualquer responsabilidade.

Cabe lembrar que a família deve oferecer uma ambiente facilitador para a aprendizagem de seus filhos, fornecendo carinho, atenção, sensibilidade, deixando expressar-se e fazer explanações, brincando com eles, ajudando nas tarefas, ensinando e incentivando; assim, a família oferece oportunidades de aprendizagem agradáveis dando confiança e apoio a criança.

Pode-se observar a dificuldade que os pais enfrentam em estabelecer limites a seus filhos, o que os tornam principais causadores dessa realidade. Sobre essa questão importante dos limites, podemos considerar o que dizem Outeiral e Cerezer (2003):

É necessário enfatizar que as crianças e os adolescentes “pedem limites” e que estes os ajuda a organizarem suas mentes. Os adultos, não colocam “limites” porque assim será mais cômodo. Colocar limites significa envolver-se, “conter” a criança, suportar suas reclamações e protestos, enfim,enfrentar dificuldades. Os adultos poderão também ter dificuldades em colocar “limites” em função de problemas passados com seus próprios pais “reprimidos” nas suas infâncias e adolescências. (p.51)

Relacionando as percepções da professora em relação a seus alunos e dos pais em relação a seus filhos, com uma visão mais ampla pode-se perceber que essas crianças apresentam-se imaturas, infantilizadas, com baixa auto-estima, agressivas e sem limites.

As crianças de seis anos apresentam certas condutas que já deviam ter superado , visto que a freqüência à escola permite desenvolver a socialização, além do que os pais mostram uma certa dificuldade em colocar limites.

No que tange ao sentimento de auto-estima e percepção de reconhecimento e valor Papalia (1998) enfatiza:

A média idade (entre 6 e 12 anos) é um momento importante para o desenvolvimento da auto-estima, a auto-imagem ou a auto-avaliação positiva. As crianças comparam seu *self* real e ideal e julgam-se conforme

sua adequação aos padrões às expectativas sociais que assimilarem em seu autoconceito e em seu desempenho. As opiniões de si próprias têm um grande impacto no desenvolvimento de sua personalidade (p.198)

Ao se referir à agressividade das crianças, Soifer (1983) diz:

Fragilidade e insegurança são os dois principais motivos que ocasionam comportamentos agressivos por parte das crianças, podendo resultar em ferimentos nela própria e em outras pessoas. Situações como o nascimento de um novo bebê na família, separação dos pais ou então a perda de algum parente próximo contribuem para a mudança repentina na maneira de agir do filho. (p.26)

As crianças são emocionais e pouco racionais; por não saberem lidar com alguns sentimentos, podem expressá-las por meio de atos agressivos.

Ainda se referindo a agressividade gostaríamos de citar os escritos de Teles (1983) que diz:

A socialização exige o entrave da agressividade. Entretanto nenhuma força pode ser contida sem aumentar-lhe o dinamismo. Não se pode, pois, simplesmente, ignorá-la e sufocá-la. É função da educação canalizar essa energia, transformá-la e aproveitá-la dando-lhe um exercício aceitável. E quanto maior o potencial agressivo da criança, tanto maior a necessidade do uso de recursos para dar-lhe vazão. E quais são estes recursos? Os esportes de um modo geral, os jogos, a pintura, a música, a modelagem, a construção, o uso de martelo, pregos e tábuas. (p.144)

Na questão da imaturidade a pedagoga Muñiz (1999) diz:

A família é que transforma filhotes imaturos em humanos capazes de ingressar na cultura e na sociedade. Mas, para atingir esse objetivo, pais e mães se valem de alguns recursos básicos que ajudam a criança e o jovem a serem adultos. A eficiência em atingir tal meta só é possível com o equilíbrio de todos os recursos. As crianças precisam saber o que o adulto espera delas. Quando o adulto espera pouco, geralmente elas instalam-se em atitudes imaturas. Exigir maturidade significa oferecer às crianças desafios adequados às suas capacidades, nem mais, nem menos. (p.34)

Uma observação que deve ter relevância devido a sua importância é o respeito pelas características familiares; características estas que cada família desenvolve ao longo de sua formação. Muitas famílias devido a sua dinâmica, acabam desenvolvendo em seus membros comportamentos considerados “inadequados “ que eclodem na escola; mas há de se respeitar e valorizar os estilos próprios de cada família e como os seus membros os reconhece.

A cada estilo de família se observa sua individualidade, como pode ser observado no quadro acima, uma criança que apesar de ter capacidade intelectual, de se esforçar na sala de aula, se espelha no pai e toma a profissão dele como modelo; com isso a de se entender a realidade do aluno e o contexto em que ele vive. É necessário explorar mais a bagagem que a criança traz de casa e assim oferecer um ambiente escolar que não lhe pareça estranho e não um ambiente que é fora de sua realidade.

Quanto essa forte relação de identificação da criança com o pai no desenvolvimento escolar da criança Radin, (1981), diz:

O pai influencia seus filhos com a forma como se sente e age em relação a eles, o tipo de relacionamento que tem com a mãe e sua posição na família. Provavelmente devido à identificação dos meninos com seus pais, estes influenciam seus filhos mais que suas filhas. Assim como os meninos assimilam atitudes, valores, papéis gestos e reações emocionais, eles também adotam os estilos de pensar de seus pais, suas estratégias de solução de problemas – até mesmo as palavras que eles usam. Os meninos são especialmente suscetíveis a imitar os pais que são carinhosos e os aprovam e que são vistos como fortes, mas não como dominadores nem intimidantes. (p.15)

A relação de cumplicidade entre a família e a escola é muito importante, pois saber o comportamento de seu filho fora de casa e informar a educadora sobre os problemas percebidos podem ser fundamentais. Muitas vezes, há uma melhora sensível quando a criança percebe que os pais percebem o problema.

## **DISCUSSÃO DOS GRÁFICOS**

Ao fazer uma analogia entre os resultados obtidos através dos questionários com os pais e com a professora, podemos observar que houve compatibilidades e contradições.

Observando o Gráfico 8 com o Gráfico 12, podemos averiguar uma concordância no que se refere a adaptação das crianças no ambiente escolar, mostrando que a escola está oferecendo um ambiente favorável, apresenta à

escola as crianças, informando os pais através das reuniões da APM e pedindo sempre opiniões.

Tedesco (1998) diz:

A mudança mais importante na educação suscitada por essas demandas é que ele deve incorporar de forma sistemática a tarefa de formação de personalidade. Não deve só o núcleo básico do desenvolvimento cognitivo, mas também o da personalidade; ou seja, tende a assumir características de uma instituição que chamo de “escola total”. (p. 93)

Outra observação compatível é entre os Gráficos 4 e o Gráfico 17, onde a relação professor x aluno está sendo realizada de forma harmônica, o que transmite confiança e respeito para o aluno.

Quanto às contradições podemos analisar o Gráfico 9 com o Gráfico 16, onde 70% das crianças *não apresentam comportamentos satisfatórios* no ambiente escolar, pois não conseguem acompanhar os colegas de classe, uma vez que são agitados, agressivos, tímidos e desinteressados; em contrapartida encontramos no Gráfico 16, 70% das crianças participam das atividades propostas e que somente 30% dos alunos necessitam de auxílio ao realizar a tarefa.

Diante dessa observação, fica reflexão se estas crianças estão enfrentando problemas referentes ao comportamento que acaba prejudicando a forma como eles aprendem ou se os alunos encontram -se com transtornos de aprendizagem referentes a problemas familiares.

Zimmermann (1995) diz:

“as dificuldades de aprendizagem surgem quando os conteúdos ou a situação desperta algum conflito e o sistema defensivo falha neste controle de forças.”(p.95)

Outra contradição que se pode analisar foi entre os Gráficos 6 e 19, pois encontramos 80% dos pais dizerem que participam da escolarização dos filhos sendo que 10% dão acompanhamento de forma indireta e 10% por não terem tempo; em contradição encontramos no Gráfico 19, 60% dos pais demonstram interesse em participar do processo escolar dos filhos e que 40% dos pais apresentam pouco interesse.

Assim podemos perceber que os pais têm um conhecimento de suas funções e que apesar de muitas vezes não exercerem , tentam passar uma imagem positiva de suas atitudes.

## **ENTREVISTA COM A DIREÇÃO DA ESCOLA**

A direção da escola relatou que a escola atualmente está passando por um momento difícil, pois se vêem obrigados a dar um acompanhamento especial, que vai além da alfabetização; mas que ao mesmo tempo se sentem responsáveis pela crianças.

A diretora disse que os pais estão cada vez mais atribuindo a função de educar , de transmitir valores e orientar à escola e que os professores estão enfrentando uma grande dificuldade ao estarem trabalhando com essas crianças.

Outra dificuldade encontrada ao trabalhar com os alunos é a falta de limites dos mesmos em relação à professora, colegas e com a própria escola.

Aos professores são ofertados cursos de capacitação, onde a prefeitura junto com a secretaria de Educação busca sanar e dar mais instrução , para que os professores possam oferecer um melhor ambiente escolar.

A diretora relatou que o que depende da escola está sendo revisto e buscando melhoras, mas que a dificuldade está em trazer os pais para a escola , pois os mesmos alegam não ter tempo, cada um tem a sua desculpa.

A escola solicita sempre a presença dos pais, mas são justamente os que não “precisam” que comparecem, enquanto que os outros pais é necessário que a escola os encontre seja no trabalho ou até mesmo por indicação de algum conhecido.

Com essa dificuldade de estar em contato com os pais , muitas vezes a escola acaba fazendo realmente a função da família, como levá-los a um dentista, ou seja, a escola percebe que o aluno precisa de um dentista, a própria escola encaminha para o posto de saúde e mesmo assim tem pais que não levam; percebendo que a criança está com dor e que a família não a levou para o consultório, então a ESCOLA solicita a uma servente para que a mesma conduza a criança até o consultório odontológico. Essas e outras situações são freqüentes na

escola, por isso a dificuldade , pois a escola acaba invadindo a função da família, mas porque ela não realiza.

A escola fica numa situação a qual ou ela invade o espaço da família ou a criança fica descuidada; há casos em que os pais nem percebem o problema da criança e é a escola quem os comunica.

A escola está tentando trazer esses pais para a escola e mostrar a eles que quando ambos caminham juntos quem ganha é a criança, e que não é que a escola não tenha responsabilidades sobre essas crianças além da de alfabetizar, mas que este contato e relação com a família está interferindo no próprio processo de ensino-aprendizagem e o pior é que está refletindo de forma negativa.

## **ENTREVISTA COM A PROFESSORA**

De acordo com a fala da professora são variados os problemas enfrentados por ela na relação com os alunos e com a família. Muitas das dificuldades encontradas pelas famílias na questão da aprendizagem são pais que não tiveram estudos, alguns analfabetos e outros semi-analfabetos enfrentam dificuldade ao estarem ajudando as crianças na hora das tarefas.

Outro problema enfrentado é a falta de limites que as crianças estão apresentando, o que dificulta no ambiente de sala de aula e o próprio andamento da aprendizagem. Muitas dessas crianças são infantilizadas e só fazem o querem, na hora que querem, do jeito que querem, não aceitando contradições.

Entre tantos outros problemas encontrados, a professora ressalva que as crianças de hoje estão trazendo uma bagagem de casa que exigem delas uma certa “maturidade” para compreender o que está ocorrendo a sua volta, e além de tudo ela precisa dar conta de ser comportada, aprender e não dar trabalho para a professora. Com todas essas situações fica a se questionar quem não está “funcionando” corretamente ou como deveria ser, a escola que não reconhece mais seu aluno, ou o aluno que não reconhece sua escola?

A professora relata que é difícil trabalhar com as crianças , mas porque isso vai de contrapartida aos princípios e os modelos de família que eram anteriormente e que hoje a própria sociedade não soube ainda aceitar muito bem.

A forma de trabalhar com nossos alunos tem que partir do princípio de cada um, respeitando sua composição familiar, credo ou situação financeira; “tentando oferecer um ambiente igualitário, com oportunidades sem o rótulo de que ele é o aluno que ....., foi de professora tal”.

Não adianta trabalhar com as causas e sim com a realidade e buscar conhecer a história de cada aluno para que ele possa ser compreendido no seu contexto e ações.

## **CAPITULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a realização da pesquisa pude perceber o tamanho da complexidade do tema e da responsabilidade em estar pesquisando uma questão tão importante.

Ao iniciar o contato com a direção da escola e com a professora, tive a oportunidade de conhecer os alunos que iriam compor a minha amostra a qual foi muito especial.

A cada questionário respondido pela professora em relação a seus alunos, pude perceber o encanto dela em estar relatando sobre eles, sendo que o mesmo ocorreu com os pais, o que para mim significou muito, perceber como essa crianças eram vistas.

Tive o prazer de conhecer cada família, o tipo de moradia e a comunidade a que eles pertencem, pois devido à dificuldade de horário dos pais fez- se necessário, eu juntamente com a professora, ir até a residência deles para a realização da aplicação do questionário.

Refletindo sobre essa experiência podemos perceber que é possível fortalecer a relação família e escola com atividades simples, como acolher bem os pais, escuta-los, envolve-los no cotidiano da escola. Esse encorajamento é muito importante tanto para a escola como para a família.

É imprescindível que pais e mães estejam em sintonia com a vivência escolar e social de seus filhos, pois essa integração tende a enriquecer e facilitar o desempenho escolar da criança.

É necessário que se habituem a participar da vida escolar dos filhos; para isso, uma alternativa viável seria a divisão de responsabilidades entre os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Esta é a união que é proposta no presente estudo, uma relação de proximidade a qual consiste no fato de a família e a escola caminharem juntas, sendo que cada uma das partes deve ser preservada em suas características próprias.

Quando os professores relatam que o fato da “família não ir bem” influencia o desenvolvimento escolar dos alunos, estão certamente, imbuídos de razão. Porém, apenas diagnosticar as dificuldades dos pais, providenciará um maior afastamento da família, pois os professores é que são especialistas em educação.

A construção de um vínculo enquanto uma relação de cooperação entre as instituições família e escola, implica em colocar-se no lugar do outro, e não apenas na troca de idéias ou favores, como aquela colaboração tão conhecida do pai que envia à escola uma contribuição mensal, e a prenda para a festa junina.

O propósito é que essa relação se construa através de uma intervenção planejada e consciente, em que a escola possa criar espaços de reflexão e experiências de vida numa comunidade educativa, estabelecendo acima de tudo a aproximação entre as duas instituições. Reforça-se então, a necessidade dos educadores dispensarem alguns momentos da sua formação, para refletirem e reconstruírem essa relação.

A relação família – escola pode tornar-se conflitante, porque apesar de ambas terem como objetivo central a educação de uma criança, os papéis de cada uma devem ser diferenciados durante este processo. A família, de maneira generalizada, delega algumas obrigações da educação do filho à escola e ao professor, eximindo-se do seu papel fundamental de parceira da instituição de ensino na educação da criança. Os professores, frente a essa nova obrigação, se vêm forçados a responder pelo comportamento positivo ou negativo do aluno, além de se preocupar com o programa curricular, provas, exercícios etc.

Infelizmente, alguns pais não se conscientizam da importância do apoio deles junto à instituição escolar do filho e não conseguem ver que a escola possui outros objetivos a serem desenvolvidos em seus filhos. Isso não quer dizer que a escola não deva se preocupar com o desenvolvimento afetivo e as relações de vínculo desenvolvidas pelos alunos, mas de forma diferente da família a escola utiliza critérios específicos para avaliar o desempenho, a maturidade e desenvolvimento desta criança. São essas peculiaridades que os pais não conseguem internalizar.

Ao deixar seus filhos na escola, ou creche, os pais passam toda a responsabilidade de educação desta criança aos educadores e à instituição e caso o filho apresente um comportamento “inadequado”, os pais culparão a escola, os

professores, os colegas, mas nunca colocarão a culpa em si mesmos ou assumirão o fato de contribuir para algumas atitudes do filho.

A escola, por sua vez, também procura subterfúgios para “escapar” da culpa pelos possíveis fracassos escolares de seus alunos, entre as desculpas mais freqüentes está a de culpar os pais pela falta de tempo no convívio com os filhos. Fato que acaba gerando alunos com problemas de aprendizagem, relacionamento etc.

Observa-se, que o fundamental para a escola, professores e pais é descobrir algo concreto para ser apontado como causador desses problemas de aprendizagem, que prejudicam as crianças e aos adolescentes.

O que podemos observar é que a escola e a família, cada qual com seus valores e objetivos específicos na educação de uma criança, constituem um organismo intrínseco, onde quanto mais diferentes são, mais necessitam uma da outra. Dessa forma, cabe a toda sociedade, não só aos setores ligados à educação, transformar através de pequenas ações o cotidiano da escola e da família, para que esta compreenda a importância dos objetivos traçados pela escola, assim como o seu lugar de co-responsável neste processo.

É fundamental e urgente essa transformação, para que não só os alunos, mas a família e a própria instituição possam estabelecer um elo de cooperação entre si. Entretanto, esta cooperação só será efetiva, caso os pais compreendam que a escola não deve exercer a função moral da família. Seria necessário, então, que a escola promovesse projetos de conscientização junto às famílias de seus alunos, salientando a importância do dever de cada um no desenvolvimento da criança e que embora esse vínculo escola - família seja essencial, cada um desses setores deve conservar suas particularidades.

Uma vez que todos os âmbitos da educação estejam conscientes de seus papéis, a escola poderá contribuir melhor para o aprimoramento da capacidade cognitiva e afetiva da criança, contando com a ajuda da família. Esta também poderá contar com o apoio da escola, a fim de melhorar o relacionamento com os filhos. Dessa forma, a criança sentir-se-á capaz e protegida para aprender.

O relacionamento entre pais e escola é fundamental para o desenvolvimento escolar salutar, visto que permite à escola conhecer as origens de seus alunos para poder lidar de forma mais eficaz com o processo ensino – aprendizagem.

Os pais, têm a responsabilidade de fazer parte do processo educacional de seus filhos, não somente os professores e demais componentes da escola. A escola deve ter uma mentalidade aberta procurando conhecer e entender as necessidades e interesses reais de seus alunos, suas famílias e comunidade; e ser dela parte integrante e não uma ilha elitista e formal.

As interações informais entre pais e professores, baseadas no respeito mútuo e clareza de comunicação, podem fortalecer a colaboração e o engajamento dos pais e educandos nos objetivos e atividades da escola, evitando assim a alienação.

Quanto ao nosso estudo, apresentamos as últimas pontuações.

No que se refere à formulação do problema enunciado em nosso trabalho, - “é possível a relação da família com a escola, no comprometimento do processo educativo dos filhos?”

Podemos dizer que sim, é possível, necessária e imprescindível este vínculo para que todos – a criança, os pais e instituição escolar possam fortalecer o desenvolvimento infantil como um todo e principalmente no que tange ao processo ensino – aprendizagem.

Dentre as hipóteses formuladas:-

1. Uma família funcional, permite à criança um desenvolvimento psíquico, social e cognitivo saudável – **Sim**. Há estudos confirmando que a funcionalidade e organização de uma família permite aos seus membros maior segurança e desenvolvimento de auto-estima e autoconceito positivos. São condições essenciais para um crescimento salutar, bem como desempenho escolar favorável. (WINNICOTT, 1989, 1996; ZIMERMAN, 1995; BALTAZAR, 2004)

2. Os papéis assumidos pelos pais, refletem, na criança a forma como ela irá se comportar e se relacionar no ambiente escolar, seja com os professores, seja com os colegas. **Sim**. Embora tenhamos trabalhado com uma amostra de classe social de baixa renda, observamos pais preocupados com seus filhos, no sentido de poderem estudar e elegerem uma profissão e, conseqüentemente, possibilitar aos futuros filhos, uma condição de vida melhor. O fato de os pais conseguirem impor limites aos seus filhos já é uma condição salutar para ambas as

partes. Caberá ao professor verificar a importância deste suporte e dar continuidade ao mesmo.

3. A forma como a escola está organizada, está apta para receber crianças com “problemas” de comportamento e familiares? **Sim**.

A Direção escolar e sua equipe de trabalho têm procurado crescer neste sentido – tornar possível um vínculo mais estreito entre a família e a escola.

Todos ganham com este percurso.

Em relação aos objetivos geral e específico:-

’ Compreender a relação entre família e escola, focando-se na influência de ambas no desenvolvimento da aprendizagem das crianças da primeira etapa do ensino fundamental. **Sim**. Conseguimos alcançar. Pudemos compreender o funcionamento de cada família deste estudo e suas influências no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos, buscando apoio na escola, de forma geral e especificamente com a professora.

’ Analisar a importância da família na aprendizagem da criança – **Sim**. Como apontamos neste trabalho, a família é a base de tudo, cabe a ela esta função.

’Levantar dados a respeito da problemática escolar e de comportamento das crianças. **Sim**. Pudemos delinear as questões principais que surgiram quando das entrevistas com os pais e a professora e apontadas nos gráficos e nas 2 tabelas.

Ao entrevistarmos os pais percebemos o interesse destes em participar mais da vida escolar dos filhos e da escola, colocando-se à disposição da escola quando chamados para as reuniões mensais

Embora alguns destes pais apresentem-se com dificuldades de atuarem neste processo, a escola poderá ajuda-los no envolvimento mais efetivo, mostrando-lhes a necessidade de acompanhar mais de perto o crescimento do filho como um todo.

Baltazar (2004), diz:

É necessário insistência e paciência por parte dos educadores para inserir os pais na escola, pois alguns pais sentem dificuldade em entender o funcionamento e a organização escolar; por elas terem regras e estruturas complexas, que, no entanto aos poucos podem ser, assimiladas e os pais poderão, gradativamente, participar, de acordo com sua disponibilidade de tempo e condições pessoais, evitando assim o isolamento da família da escola. (p.158)

'Efetuar propostas de ação à escola e à família. **Sim**. As asserções sobre as ações encontram-se logo a seguir. Permitirão a todos – escola e pais poderem estar mais juntos no desenvolvimento escolar de seus filhos e alunos.

Ao realizar essa pesquisa, obtive muitos ganhos, tantos pessoais como profissionais. Conhecer o aluno e sua realidade, assim como, sua família é uma forma de compreender não só o que ocorre no ambiente escolar, mas sim no contexto geral. Permitir se colocar no lugar do outro e ver que a realidade é diferente para cada um e que de uma forma socialmente aceita ou não as pessoas precisam cada vez mais uma das outras, precisam da *FAMILIA*, independente de sua composição.

Entendemos que muito poderia ser explorado sobre a relação familiar e a escola, mas isso incentiva a dar continuidade com a pesquisa para uma tese de doutorado.

Elaboramos uma proposta de ação para incentivar e melhorar a relação família e escola, tendo conhecimento que ao averiguar um problema faz se necessário dar uma contribuição para a superação do mesmo.

Existem várias formas pelas quais a escola pode abrir-se aos pais e à comunidade. Atividades e organizações específicas podem encorajar os interesses dos pais sobre o que está a acontecer e agir como um primeiro passo necessário ao desenvolvimento de participação maior e mais significativa.

## **PROPOSTA DE AÇÃO PARA A FAMÍLIA**

- 1- Os pais devem dedicar mais tempo a seus filhos, para que possam juntos conversar, brincar, ler e estudar.
- 2- Os pais podem desenvolver atitudes positivas diante de seus filhos e os *elogiar*, mostrando expectativas em relação a seus estudos.

- 3- Demonstrar afeto e saber corrigi-los sem punições severas; vale lembrar que o diálogo é fundamental na hora das correções.
- 4- Dar limites, estipular horários como para estudar, fazer esportes, brincar e assistir televisão; os pais devem ser firmes mas sensatos.
- 5- Acreditar em seus filhos, com convicção de que eles podem ir bem no que faz, oferecer a eles auto-estima, motivação e desempenho.
- 6- Sempre procurar saber as dificuldades encontradas pelo seu filho e quais são as disciplinas.
- 7- Sejam companheiros da escola, procurem sempre estar informados no que ocorre na escola e aproveitem e verifiquem como seu filho está se saindo.
- 8- Olhar diariamente o material escolar, de preferência na presença de seu filho para que ele se sinta protegido e cuidado.
- 9- Desenvolver um bom vínculo com a professora, pois quando a família e a escola se integram é o aluno quem ganha.
- 10- Aceite seu filho como ele realmente é e não como gostaria que fosse, assuma suas responsabilidades de pais e se privem de algumas coisas como serviços domésticos para fornecer mais atenção a seu filho;
- 11- Pais assistentes a professores que ajudam os alunos durante o tempo de aulas com tarefas e projetos;
- 12- Pais ensinando a comunidade em atividades nas quais são conhecedores e falar da história e da cultura da área;
- 13- Pais que constroem e reparam edifícios, terrenos e facilidades da escola.

Os pais são normalmente os primeiros e os mais influentes professores das crianças. Nos seus primeiros anos de vida, os pais ensinam as crianças a língua, os símbolos e os significados utilizados na sua cultura. Os pais, como modelos de papel primários, contribuem significativamente para a aquisição das capacidades dos seus filhos. Por causa das suas funções vitais, é importante que os pais estejam envolvidos nas vidas dos seus filhos, tanto em casa, como na escola.

A escola é apenas uma forma de educação, e a educação que a criança recebe em casa deve ser relacionada à escola para proporcionar continuidade. A participação dos pais ajuda na edificação da comunidade, pois que eles irão sentir que eles têm um papel no sucesso da escola e podem orgulhar-se quando houver êxito.

Edifica também laços inter-gerações, na medida em que as crianças e os pais trabalham em conjunto para um objetivo comum (educação básica). Deste modo, as crianças são mais capazes de reconhecer a importância da educação se virem a participação dos pais na sua educação. Através da colaboração, a motivação dos pais e da comunidade para apoiar a educação aumenta.

### **PROPOSTA DE AÇÃO PARA A ESCOLA**

- 1- Que o professor goste de seu trabalho e deseje crescer com ele; ao trabalhar, apresente-se com boa aparência e mostre satisfação e motivação no que faz;
- 2- Aceite que a organização familiar mudou e trabalhe sempre com o real;
- 3- Solicite a presença dos pais como nas reuniões bimestrais e ofereça premiações para que os mesmos se sintam motivados a comparecer.
- 4- Explicação aos pais sobre o conteúdo e os métodos de ensino e aprendizagem nas escolas;
- 5- Observação dos pais nas turmas;
- 6- Formar os pais sobre como melhor ajudar e encorajar a aprendizagem dos seus filhos em casa;
- 7- Não rotule seu aluno pelo tipo de família que ele tem, reflita sobre preconceitos e discriminações existentes na escola;
- 8- Não parta do princípio que a família precisa ser ajudada pela escola, mas sim, que a escola precisa ser ajudada pela família;
- 9- Nas reuniões bimestrais, saiba apresentar os lados negativos e as dificuldades dos alunos, mas não se esqueça de apresentar os lados positivos também;

- 10-**Mantenha sempre um contato com a família do aluno mesmo que este seja informal;
- 11-**Promova eventos internos na escola onde os alunos possam demonstrar seus talentos e capacidades de outras formas. É necessária uma valorização do aluno;
- 12-**Propiciar encontros no ambiente escolar, onde trabalhem juntos pais e filhos, como gincanas, assistir vídeos, por exemplo;
- 13-**Fazer da direção da escola e equipe pedagógica um lugar de apoio e não de reclamações, acusações e cobranças explícitas;
- 14-** Sempre que possível, dê sugestões à direção e equipe pedagógica. Desta forma todas as atividades de ambas as partes serão mais gratificantes, pois irão melhorar o ambiente de trabalho e elevar o nível de satisfação pessoal e profissional.
- 15-**Dias abertos, dias de discursos e dias de desporto;

A qualidade de uma instituição escolar depende em grande parte do modo pelo qual ela enfoca o processo de condução das atividades que se desenvolvem nas classes, pois, ali não é somente o lugar onde se realiza o processo de ensino-aprendizagem, como também, o lugar que traz sempre o momento oportuno para se desenvolver e promover os valores humanos nos alunos. Essa qualidade depende sobretudo também da capacidade dos professores estimularem o esforço dos alunos.

Escolas coroadas de êxito são normalmente as que são plenamente apoiadas pelas suas comunidades. Este apoio não significa apenas apoio financeiro. Normalmente, é cometido erro de igualar apoio comunitário a contribuição financeira. Enquanto que a contribuição financeira possa ser uma forma de os membros da comunidade manifestarem e responsabilidades para o bem estar das crianças, não significa que esta seja a única forma. Os membros da comunidade podem assumir responsabilidades, dedicando mais tempo ao estabelecimento e ao reforço de ligações entre atividades escolares e a participação da sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, I. (org). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BALTAZAR, J. A. **As disfunções familiares e suas repercussões no desenvolvimento escolar de crianças e adolescentes: o que a escola sabe disto?** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, UNOESTE, Presidente Prudente.

BALTAZAR, J. A.; MORETTI, L. H. T. As relações familiares, a escola e sua influência no desenvolvimento infante – juvenil e na aprendizagem. **Revista Terra e Cultura**, Ano XX, n. 39, p.126-135, jul./dez. 2004.

BARROS, C. S. G. **Psicologia e construtivismo**. São Paulo: Ática, 1996.

BARROS, M. S. R. **A criança como sintoma da família**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Sociedade) - Assis (SP).

BORDENAVE, J.D. **Estratégias de ensino e aprendizagem**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAETANO, L. M. Relação escola – família: uma proposta de parceria. **Dialógica - Revista Acadêmica Digital Dos Cursos de Pedagogia e Comunicação Social da FAM – Faculdade de Americana**. Ano 1, v. 1, jul./dez., 2005.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CECCON, C.; OLIVEIRA, M.; OLIVEIRA, R. **A vida na escola e a escola da vida**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CESARIO, M. et al. Relação escola - família: as contribuições no processo de escolarização sob a perspectiva do professor. In: CONGRESSO ESTADUAL

PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES. 8. **Anais...** Águas de Lindóia, 2005.

CHIAROTTINO, Z. R. Os estágios do desenvolvimento da inteligência. **Revista Viver Mente & Cérebro** - Coleção Memória da Pedagogia - Piaget, n. 1, p. 16-23, out. 2005.

COSTA, M. L. A . **Piaget e a intervenção psicopedagógica**. São Paulo: Olho D'água, 2002.

CURY, C. R. J. Do iluminismo de Rousseau aos dias atuais. **Revista Nova Escola**. Edição Especial. s/d.

DELOURS, J. et al. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.

DI SANTO, J. M. R. **A criança, a escola e a família**. Disponível em: <[www.centrorefereducacional.pro.br](http://www.centrorefereducacional.pro.br)>. Acesso em: 25 nov. 2005.

FAGALI, E. Q.; VALE, Z. Del Rio. **Psicopedagogia institucional aplicada**: aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). In: **Obras Completas da Edição Standard**. Rio de Janeiro: Imago, 1976., v.4 e 5

\_\_\_\_\_. A psicologia do escolar (1914). In: **Obras completas da edição Standard**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17.

\_\_\_\_\_. Inibição, sintoma e angustia (1926). In: **Obras completas da edição Standard**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 20

KLEIN, Melaine. **Amor, ódio e reparação**: as emoções básicas do ponto de vista psicanalítico. São Paulo: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. **Contribuições da psicanálise**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

\_\_\_\_\_. **Psicanálise de crianças**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KNOBEL, M. **Orientação familiar**. Campinas: Papirus, 1992.

KUDE, V. M. M.; MORAES, R. L. **A importância da parceria entre a escola e a família no ensino fundamental**. Disponível em: <[www.sbec.org.br/evt2003/trab6](http://www.sbec.org.br/evt2003/trab6)>. Acesso em: 20 out. 2004.

KUPFER, M. C. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. São Paulo: Escuta, 2000.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LISONDO, A. B. D. No fim do milênio: por que é cada vez mais difícil aprender? In: OLIVEIRA, M. L. (org.) **Educação e psicanálise: história, atualidade e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. São Paulo: Saraiva, 2002.

MARTINS, V. **O papel do Estado e da família**. Disponível em: <[www.psicopedagogia.com.br](http://www.psicopedagogia.com.br)>. Acesso em: 26 jun. 2005.

MELLO FILHO, J.; BURD, M. **Doença e família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MENIN, M. S. S. Desenvolvimento moral: refletindo com pais e professores. In: MACEDO, Lino de (org.). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

MANTANDON, PERRENOUD. In: FILHO, L.M.F. **Para entender a relação família-escola: uma contribuição da história da educação**. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 10 jun. 2004.

MORAIS, R. **Cultura brasileira e educação**. Campinas: Papirus, 1989.

MORETTI, L. H.T; BALTAZAR, J.A.; BALTHAZAR, MC. et al. **Análise da dinâmica e da estrutura familiar no desenvolvimento infantil**. UniFil, pesquisa concluída, 2003.

MORETTI, L. H.T. Recomendações aos pais: como tornar agradável a relação com os filhos. In: OUTEIRAL et al. (orgs). **Winnicott** – Seminários Brasileiros. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

MUÑIZ, A. M. R.; DUARTE, L. T. M. De filhotes imaturos a humanos. **Revista Vir a Ser**: o desenvolvimento da afetividade, Londrina – Pr, n. 3/99, p.29.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família e escola**. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000.

OUTEIRAL, J.; CEREZER, C. **O mal-estar na escola**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PAPALIA, D.; OLDS, S. **O mundo da criança**. São Paulo: Mczraw Hill, 1998.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino**: a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2000.

PAROLIN, I. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Livro da 5ª Jornada de Educação do Norte e Nordeste. Fortaleza, 2003.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

\_\_\_\_\_. Para onde vai a educação. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972/2000.

PROST, A ; VICENT, G. A família e o indivíduo. In: PROST, A.; VICENT, G. **A história da vida privada**. Da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RADIN, N. O desenvolvimento intelectual entre 3 e 6 anos. In: PAPALIA, D.; OLDS, S. **O Mundo da Criança**. São Paulo: McGraw-Hill, 1998.

ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família e escola, trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

SCOZ, B. J. L. **Psicopedagogia e realidade escolar**: O problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Psicopedagogia e realidade escolar.** O problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOIFER, R. **Psicodinamismos da família com a criança.** Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **Psiquiatria infantil operativa.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Psiquiatria infantil operativa.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SOUZA, A. S. L. **Pensando a inibição intelectual:** perspectiva psicanalítica e proposta diagnóstica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

STEINER, D. **Compreendendo seu filho de 6 anos.** Rio de Janeiro: Imago, 1993.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo:** educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 1998.

TELES, M. L. S. **Uma introdução à psicologia da educação.** Petrópolis: Vozes, 1983.

TOGNETTA, L. R. P. **A construção da solidariedade:** a educação do sentimento na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras/ FAPESP, 2002.

TORETE, R. M. C. **O diretor de escola como mediador entre a família e a escola.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- UNOESTE. Presidente Prudente.

WEIL, P. **A criança, o lar e a escola.** Petrópolis: Vozes, 2001.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

\_\_\_\_\_. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Família e desenvolvimento individual.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.

**APÊNDICE A – Solicitação de autorização à Direção escolar para realização da pesquisa.**

Prezada Sr<sup>a</sup>

Meu nome é Ana Paula Jardim, aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado em Educação da UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista, da cidade de Presidente Prudente (SP).

Tenho interesse em pesquisar a Relação entre família e escola, e para isto, gostaria de obter sua autorização para desenvolver meu estudo.

Os instrumentos que utilizarei serão dois questionários que serão aplicados aos pais e à professora da Primeira Etapa do ensino Fundamental, contendo questões específicas sobre os dados familiares e relação entre pais e filhos, além do desenvolvimento escolar das crianças.

Encontra-se em anexo, um exemplar de cada questionário para sua apreciação.

No aguardo da atenção de V.S<sup>a</sup>, cordiais saudações.

Atenciosamente,

Ana Paula Jardim

Eu, ....., diretora escolar, autorizo a realização desta pesquisa.

---

Assinatura

Bandeirantes, ...../ ...../ 2004..

**APÊNDICE B – Termo de Livre Consentimento dos Pais**

Senhores Pais:

Meu nome é Ana Paula, aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado em Educação da UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista, da cidade de Presidente Prudente (SP).

Tenho interesse em pesquisar a Relação entre família e escola, e para isto, gostaria de obter sua autorização para participar do meu estudo.

Os instrumentos que utilizarei serão dois questionários que serão aplicados aos senhores e à professora da Primeira Etapa do ensino Fundamental, contendo questões específicas sobre os dados familiares e relação entre pais e filhos, além do desenvolvimento escolar das crianças.

Encontra-se em anexo, um exemplar de cada questionário para sua apreciação.

No aguardo da atenção de V.S<sup>a</sup>, cordiais saudações.

Atenciosamente,

Ana Paula Jardim

Nome:-

Aceitamos participar da pesquisa. -----

\_\_\_\_\_  
nome dos pais

Bandeirantes, .. .../...../ 2004.

**APÊNDICE C – Termo de Consentimento para participação em pesquisa -  
Professora**

**Prezada Professora**

Meu nome é Ana Paula Jardim, aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado em Educação da UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista, da cidade de Presidente Prudente (SP).

Tenho interesse em pesquisar a Relação entre família e escola, e para isto, gostaria de obter sua autorização para participar do meu estudo.

Os instrumentos que utilizarei serão dois questionários que serão aplicados à senhora e aos pais, contendo questões específicas sobre desenvolvimento escolar das crianças, os dados familiares e relação entre pais e filhos.

Encontra-se em anexo, um exemplar de cada questionário para sua apreciação.

No aguardo da sua atenção, cordiais saudações.

Atenciosamente,

Ana Paula Jardim

Eu, prof<sup>a</sup> ..... aceito participar da pesquisa a ser realizada na instituição.

---

nome da professora

Bandeirantes, ...../...../2004..

## **APÊNDICE D – Questionário para os pais**

### **I- Identificação**

Nome:

Idade:

Parentesco com a criança:

### **II- Histórico dos pais**

Pai:

Idade:

Profissão:

Grau de escolaridade:

Mãe:

Idade:

Profissão:

Grau de escolaridade:

### **III- Questões Específicas**

- 1) Qual a composição da família?
- 2) Como é o relacionamento familiar?
- 3) Como é o relacionamento da criança com os pais?
- 4) Como é o relacionamento da criança com a professora, colegas, irmão e parentes?
- 5) Há elogios por parte dos pais em relação a criança? Sim ( ) Não ( )

Exemplifique em ambas as situações \_\_\_\_\_

6) Há participação dos pais na escolarização da criança? Sim ( ) Não ( )

7) Os pais têm comparecido às reuniões e atividades da escola? Sim ( ) Não ( )

Exemplifique em caso negativo por que razão \_\_\_\_\_

#### **IV- Quanto a vida escolar da criança**

1) A criança apresentou boa adaptação e socialização no ambiente escolar?

Sim ( ) Não ( ) Exemplifique \_\_\_\_\_

2) A criança apresenta comportamento satisfatório em sala de aula?

Sim ( ) Não ( ) Descreva \_\_\_\_\_

3) A criança apresenta alguma dificuldade escolar?

Sim ( ) Não ( ) Exemplifique como é a dificuldade \_\_\_\_\_

4) Como você vê seu filho?

## APÊNDICE E – Questionário para a professora

### I- Dados de Identificação

Aluno:

Idade:

Sexo:

Série:

Turma:

Professora:

### II- Questões gerais

1) A escola foi apresentada à criança? Sim ( ) Não ( )

2) A criança se adaptou facilmente ao novo ambiente escolar? Sim ( ) Não ( )

Se não, exemplifique os motivos \_\_\_\_\_

3) A criança necessitou de um tempo, sendo acompanhada durante um período por alguém da família? Sim ( ) Não ( )

Se sim, por quais motivos \_\_\_\_\_

4) A criança fez e faz amizades com facilidades? Sim ( ) Não ( )

5) A criança apresentou se tímida e retraída em sala de aula? Sim ( ) Não ( )

Se sim, exemplifique de que forma \_\_\_\_\_

### III- Quanto à participação dos pais

1) Os pais têm demonstrado interesse no processo de aprendizagem da criança? Sim ( ) Não ( ) Exemplifique \_\_\_\_\_

2) Qual dos pais têm demonstrado maior interesse no processo de aprendizagem da criança? O pai ou a mãe?

Explique: \_\_\_\_\_

3) Com que frequência a escola solicita a presença dos pais?

- 4) A escola mantém os pais informados sobre a dinâmica de seu funcionamento e os incluem nas decisões além de dar abertura para que os mesmos possam opinar? Sim ( ) Não ( )

Exemplifique\_\_\_\_\_

- 5) Como você vê seu aluno?

Quadro 1 – Identificação da Amostra -Pais

<b>Crianças</b>	<b>PAI (idade/ profissão/ escolaridade/ religião)</b>	<b>MÃE ( idade/ profissão/ escolaridade/ religião)</b>
1	J.T. (19 / vendedor/ 5º série/ evangélica)	L.T. (25/ do lar/ 3º série/ evangélica)
2	J.S. (27 / trabalhador rural/ analfabeto/ católica)	R.A.S. (27/ doméstica/ 2º série/ católica)
3	L.C.B. ( 37 / trabalhador Rural/ 2º série/ sem religião)	I.A.B. (35/ doméstica/ 2º série/ evangélica)
4	A.P. A. ( 26/ padeiro/ 5º série/ sem religião)	R.L.F. ( 23/ secretária/ 2º grau completo/ evangélica)
5	P.C.T. ( 48 / empresário/ primário/ sem religião)	J.A.S. ( 28/ do lar/ 8º série/ evangélica)
6	Não conhece o pai	T.C.A.S.(26/ trabalhadora rural/ 2º grau completo/evangélica)
7	L.R.C. ( 27/ pintor/ primário/ católica)	J.S. ( 26 / doméstica/ 1º grau completo/católica)
8	A.C.S. ( 38/ trabalhador Rural/ 5º série/ católica)	D.F.F.( 28/ trabalhadora rural/ 4º série/ católica)
9	J.G.M. ( pai falecido durante a gestação do filho )	C.A.S. ( 34/ trabalhadora rural/ 5º série/ evangélica)
10	P.C. A.C. ( 39/ pedreiro/ 7º série/ católica)	A.L.S. ( 39/ trabalhadora rural/ 2º série/ católica)

**OBS:** 1ª à 8ª série correspondem ao Ensino Fundamental  
2º grau corresponde ao Ensino Médio